



**Universidade de Brasília**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A CARACTERIZAÇÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO: UM  
EXEMPLO EM DUAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE  
ENSINO FUNDAMENTAL NO DISTRITO FEDERAL**

**RACKEL ACATAUASSÚ ALVES CORRÊA**

**BRASÍLIA-DF**

**JULHO/2013**



**Universidade de Brasília**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A CARACTERIZAÇÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO: UM  
EXEMPLO EM DUAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE  
ENSINO FUNDAMENTAL NO DISTRITO FEDERAL**

**RACKEL ACATAUASSÚ ALVES CORRÊA**

**BRASÍLIA-DF**

**JULHO/2013**

**A CARACTERIZAÇÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO: UM  
EXEMPLO EM DUAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE  
ENSINO FUNDAMENTAL NO DISTRITO FEDERAL**

**RACKEL ACATAUASSÚ ALVES CORRÊA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC),  
APRESENTADO COMO EXIGÊNCIA PARCIAL PARA  
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE LICENCIADA EM  
PEDAGOGIA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO –  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, SOB A  
ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA DR<sup>a</sup>. TERESA  
CRISTINA SIQUEIRA CERQUEIRA.



## COMISSÃO AVALIADORA

PROF.<sup>a</sup> TERESA CRISTINA SIQUEIRA CERQUEIRA (Orientadora)

---

PROF.<sup>a</sup> ANELICE DA SILVA BATISTA (Examinadora)

---

PROF. ANTÔNIO FÁVERO SOBRINHO (Suplente)

---

## **HOMENAGEM**

**Minha homenagem vai para todos os meus mestres que tive o prazer de encontrar na universidade, cada um com seu estilo e forma que foram aos poucos me apresentando um novo mundo, diferente do que enxergava. Todas as minhas reverências a este profissional que é o único que possui ferramentas capazes de libertar o indivíduo de suas amarras mentais.**

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço a todos que fizeram parte da minha trajetória como graduanda da Universidade de Brasília, especialmente aos meus pais e irmãs que sempre me apoiaram em minhas decisões e fizeram tornar realidade o sonho de me formar por esta Universidade. Agradeço também aos professores, principalmente minha Orientadora que me acolheu com tanto carinho, agradeço aos colegas pelos ensinamentos mediados no decorrer curso e a todos aqueles que acreditam na transformação por intermédio da educação e que lutam por uma sociedade verdadeiramente igualitária.**

***“O RACISMO FICA ESCANCARADO AO OLHAR MAIS SUPERFICIAL”***

**Abdias do Nascimento**

***“NINGUÉM NASCE ODIANDO OUTRA PESSOA  
PELA COR DE SUA PELE,  
OU POR SUA ORIGEM, OU SUA RELIGIÃO.  
PARA ODIAR, AS PESSOAS PRECISAM APRENDER,  
E SE ELAS APRENDEM A ODIAR,  
PODEM SER ENSINADAS A AMAR,  
POIS O AMOR CHEGA MAIS NATURALMENTE  
AO CORAÇÃO HUMANO DO QUE O SEU OPOSTO.  
A BONDADE HUMANA É UMA CHAMA QUE PODE SER  
OCULTA,  
JAMAIS EXTINTA.”***

**Nelson Mandela**



LISTA DE FIGURAS	10
LISTA DE GRÁFICOS	11
RESUMO	12
ABSTRACT	13
APRESENTAÇÃO	14
<b>PARTE I</b>	15
MEMORIAL	15
<b>PARTE II – MONOGRAFIA</b>	21
INTRODUÇÃO	22
OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICO	22
<b>CAPÍTULO 1: RESGATE HISTÓRICO</b>	23
1.1 O negro na sociedade colonial brasileira	23
1.2 “Ganga Zumba”, ou grande Senhor	25
1.3 Os negros no Brasil Monárquico	25
1.4 Os negros na Primeira República (1889-1930)	28
1.5 O movimento negro na República Populista e Ditadura Militar	30
1.6 Da Redemocratização aos dias atuais	30
<b>CAPÍTULO 2: METODOLOGIA</b>	
1.1 Metodologia	32
1.2 A caracterização da identidade nas aulas observadas pautada na Lei 10.639/03	34
<b>CAPÍTULO 3:</b>	
<b>REFLEXÕES FINAIS</b>	
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE	61
<b>PARTE III</b>	63
PROJETO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	63

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01- “Ganga Zumba”, o Rei dos Palmares

Figura 02- Mural da Escola: “1º dia- Nossas raízes africanas”

Figura 03- Mural da Escola: “2º Encontro- História e Geografia da África.”

Figura 04: Mural da Escola: “3º Encontro-A escravidão negra no Brasil.”

Figura 05: Mural da Escola: “5º Encontro- O que a Lei Áurea trouxe?”

**LISTA DE GRÁFICOS**

<b>GRÁFICO 01</b>	<b>40</b>
Título: Idade dos alunos	
<b>GRÁFICO 02</b>	<b>40</b>
Título: Mora na Ceilândia?	
<b>GRÁFICO 03</b>	<b>41</b>
Título: Cor da pele	
<b>GRÁFICO 04</b>	<b>41</b>
Título: Existe racismo no Brasil?	
<b>GRÁFICO 05</b>	<b>42</b>
Título: Local de Nascimento	
<b>GRÁFICO 06</b>	<b>43</b>
Título: Profissão	
<b>GRÁFICO 07</b>	<b>43</b>
Título: Quantidade de pessoas que moram na casa onde residem	
<b>GRÁFICO 08</b>	<b>44</b>
Título: Cor da pele	
<b>GRÁFICO 09</b>	<b>44</b>
Título: Existe racismo no Brasil?	
<b>GRÁFICO 10</b>	<b>45</b>
Título: Cor da pele	
<b>GRÁFICO 11</b>	<b>46</b>
Título: Quantos anos lecionando na Rede Pública?	
<b>GRÁFICO 12</b>	<b>46</b>
Título: Acredita que a Lei 10.639/03 pode auxiliar no combate a discriminação racial?	

## **RESUMO**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, está dividido em três partes que se relacionam formando um todo unitário: (Parte I- Memorial, Parte II- Monografia e Parte III- Projeto de atuação profissional). Esta pesquisa é resultado de meu processo formativo traçado durante o curso, é baseado no estudo das ações de professores de 1º a 4º série do Ensino Fundamental em duas Escolas públicas do Distrito Federal, uma situada na Ceilândia Norte, e a outra na Asa Norte. As referidas ações são sobre a aplicação da Lei 10.639/03 em seu artigo 26- A que inclui o estudo da História da África e dos Africanos. Foi investigado um grupo de 22 alunos, 20 responsáveis pelos alunos e 6 da Diretoria Escolar que responderam a um questionário que tinha como objetivo saber as impressões da sociedade em torno da questão negra e do racismo. Além de identificar a importância do ambiente escolar na constituição da identidade do sujeito, especialmente o sujeito negro. Os resultados obtidos sugerem que faz diferença o trabalho que o professor exerce em sala na desmistificação da figura do negro no Brasil, além de evidenciar o quanto precisamos avançar no conhecimento sobre a caracterização de nossa identidade.

**Palavras-chave:** Identidade, negro, racismo.

**ABSTRACT**

The present paper is made up with three parts joined in a unified whole: Part 1, Remembrance; Part 2, Paper; and Part 3, Professional Work Project. This research is the end result of my formation process during the course, based in the study of the actions of teachers of first to fourth grade in two public schools of the surrounding region of Brasília, one in Ceilândia Norte, and another in the North Wing neighborhood of Brasília. The referred actions are related to the application of the article 26- A of the Brazilian Law 10.639/03, which ordered the inclusion of Africa and African Peoples History classes. A group of 22 students was analyzed, as well as 20 parents and 6 pedagogic directors and school administration staff, who answered a research form that had the objective of measuring the importance of the school culture to the formation of the subject identity, specially the African-descent subjects. The results suggest that the effort the teacher puts into his work in class for the demystification of the image of the African-descent people of Brazil is essential, and that we need to advance our knowledge on the characterization of our identity.

**Keywords:** identity, African-descendent, racism.

## APRESENTAÇÃO

Este é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado como exigência parcial para obtenção do título de licenciado em Pedagogia na Faculdade de Educação/Universidade de Brasília. Estruturalmente, o trabalho está organizado em três partes que se complementam, de forma articulada: Memorial, Monografia e Projeto de atuação profissional.

O Memorial, correspondendo à Parte I do trabalho, é constituído por informações e reflexões referentes às influências dos currículos escolares e do curso de Pedagogia no percurso da minha formação.

O estudo monográfico, inserido na Parte II, é pautado em minhas vivências, discussões e pesquisas como aluna do Curso de Pedagogia e está estruturado em três capítulos. A reflexão proposta nos capítulos tem como foco a articulação entre a promulgação da Lei 10.639/03 em seu artigo 26-A e a realidade vivenciada pelo professor em sala de aula com o desafio de adequar-se às novas demandas, particularmente no que se refere à temática racial.

A Parte III refere-se ao meu Projeto de atuação profissional, no qual expressei minhas pretensões em relação à minha perspectiva de atuação como Pedagoga.

## **PARTE I – MEMORIAL**

### **AS INFLUÊNCIAS DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE**

Sou filha mais de velha de três irmãs, cresci num ambiente agradável com meus pais e irmãs, tivemos o privilégio de ter um alicerce familiar com laços bem estruturados. Nossos pais foram (e são) nossos maiores exemplos de superação e dedicação, nós três somos estudantes da Universidade de Brasília. Tenho um avô nascido na cidade de Aquidauana- MS de família abastarda, casou-se com Beatriz nascida no Pará filha de fazendeiros, os dois se conheceram no Rio de Janeiro, onde tiveram juntos cinco filhos, dentre eles meu pai César Corrêa. De outro lado, meu avô materno policial federal, nascido em Itapetinga- Bahia, negro e seguiu transferido para o RJ, e foi lá que se casou com a índia Noêmia que trabalhava com serviços domésticos no RJ, nasceu em uma tribo no Paraná. Meu avô materno Edésio veio transferido para Brasília com a família para acompanhar Juscelino JK em seu projeto da criação de Brasília, tiveram 10 filhos juntos entre eles minha mãe Rachel Thédiga. Estudei até o pré-escola no Perpétuo Socorro, escola no Lago Sul, depois a 4ª série na Escola Classe 304 sul, depois Caseb no Ensino Fundamental e CEMEB (Centro de Ensino Médio Elefante Branco) no Ensino Médio. Lembro que quando fui para a escola pública percebi a diferença social de meus colegas, até o primário tive colegas de sala com alto poder aquisitivo, a classe alta da cadeia hierárquica social; E meus colegas passaram a ser filhos de trabalhadores das quadras próximas a Escola, ou mesmo alunos que moravam na periferia da cidade.

O que mais me chamou atenção é que quando estudava na escola particular, meus coleguinhas faziam uma espécie de bullying comigo chamando-me de índia (tinha o cabelo bem preto e liso, e a cor da pele mais escura que o tom branco), e isso me incomodava porque era de modo pejorativo. Nunca queriam me ter no grupo de alguma tarefa e nas aulas de educação física não queriam me ter na mesma equipe, nesta fase fiz parte dos "excluídos", no mesmo conjunto estavam: gordinhos, negros, quem usava óculos, os "nerds", enfim, todos que de alguma maneira estavam fora do padrão. Costumava andar muito sozinha, parecia que vivia num mundo paralelo à realidade, mas eu gostava da minha introspecção. Mas depois que fui pra rede pública tive uma vasta rede de amizade, era fácil arrumar amigos nesse grupo, me sentia melhor por conquistar a confiança das pessoas. Interessante como pude perceber que o

dinheiro mudava o comportamento interpessoal, passei a ser popular na escola, fiz parte de grêmio estudantil, da equipe de handball, e participei da equipe de natação denominada “Geração Campeã”, que participava de competições patrocinadas pelo governo de Brasília. Esta foi fase muito boa pra mim, todas as tardes eu estava no CIEF (Centro Interescolar de Educação Física), esta escola é um anexo do CEMEB (Centro de Ensino Médio Elefante Branco) destinado a prática de Educação Física em turno contrário ao da aula- ou em alguma atividade no CIL (Centro Interescolar de Línguas) que funciona na mesma lógica do CIEF. Não raro passava minhas tardes praticando alguma modalidade, o esporte sempre esteve presente em minha vida, muitos acontecimentos bons e ruins foram refletidos no momento de realização de uma atividade física, e muitas decisões assertivas aconteceram na fase de introspecção, de autoconhecimento, uma terapia particular que dá resultado.

A escola foi pra mim meu lugar de descobrimento, e acredito até hoje que seja esse seu papel, não apenas de evolução hierárquica na pirâmide social. Lembro-me de meus estudos extracurriculares durante o Ensino Médio, tive uma professora de Artes Cênicas que tinha um método curioso em suas aulas, ela nos apresentou conhecimentos astrofísicos, astrológicos e das Ciências Ocultas, obviamente sofreu muitos questionamentos de alunos religiosos, de seus pais e da própria Direção da Escola, mas não é a intenção analisar de modo maniqueísta de certo ou errado, o fato é que me marcou pois eu gostava bastante, e estudava sobre o assunto inclusive com outros colegas que também tiveram afinidade, tínhamos uma espécie de grupo de estudo mas de modo informal. Mas tenho de confessar que deixei a desejar nas obrigações acadêmicas, não me sentia atraída em rever o conteúdo estudado em sala de aula, ou mesmo sanar alguma dúvida, só estudava o que gostava: História, Geografia e Artes Cênicas, as exatas eram algo muito aquém de meu conhecimento fragmentado no Ensino Fundamental, e isso me fez tanta falta pra prestar o vestibular que por diversos momentos achei que nunca iria conseguir.

O que mais me aproximou da Universidade de Brasília- UnB- foi o fato de minha mãe trabalhar na Instituição, e ela sempre me inscrevia em Seminários, Encontros, Semana de Extensão, Exposições, conheci o campus muito antes de entrar de fato como aluna. Participei de tantas atividades que já me sentia aluna sem ser, quando saí do Ensino Médio pra fazer cursinho nem imaginaria o quão difícil seria pra mim. Fiquei 4 anos pra conseguir passar no vestibular, prestava pro curso de História, e até hoje quando ouço alguns alunos falarem que não estudaram pra entrar na UnB lembro de minha trajetória até chegar exatamente nesse



momento de escrever o memorial. Assim que acabei o Ensino Médio, não tinha a pretensão de ser aluna da Universidade de Brasília, na realidade nem queria morar em Brasília, tanto que fui pra Florianópolis morar com minha avó materna e prestar vestibular pra UFSC, não passei na primeira opção-História, mas consegui a segunda: Letras Alemão, mas nem cheguei a me matricular, não tinha nada a ver comigo. Depois de alguns meses voltei pra Brasília e fui fazer cursinho pré-vestibular, a saga começou aqui! Foram três anos de cursinho, praticamente um novo Ensino Médio, foi nesta fase que aprendi de verdade o que era estudar, esse cursinho serviu pra eu me localizar no tempo-espaço e perceber o quanto perdi tempo não me dedicando aos estudos como deveria, ou pelo menos pra fazer o exame do vestibular. Foram muitas superações, principalmente na área de exatas, lembro que quando fiz o vestibular pela primeira vez e via aquelas inúmeras páginas da prova com equações que ocupavam quase que uma folha inteira eu fiquei atordoada e queria saber em que mundo vivi todo esse tempo. Não tinha nenhuma afinidade com a linguagem da prova, mas aceitei o desafio e estudei, estudei, e o tempo passou e eu não passei....até que resolvi desistir da UnB, fui trabalhar influenciada por minha mãe, que preocupava-se com aquela situação de nem ser estudante e nem ter um trabalho; fui parar na área do Telemarketing, e foi lá que paguei todos os meus pecados, mas foi lá também que aprendi o que era ter que ter um emprego, pagar as contas e não ter dinheiro pro resto do mês, fui operadora de Telemarketing, depois fiz processos internos na empresa e fui supervisora de Vendas de Cartão de Crédito, Seguro de Vida e por fim fui Treinadora dos produtos que vendíamos por telefone.

Eram 7 horas por dia e 6 dias trabalhados na semana, só tinha 2 domingos de folga, depois de um ano no trabalho resolvi que tinha de fazer uma faculdade qualquer, e foi aí que a Pedagogia entrou em minha vida, fiquei 1 ano em Faculdade Particular cursando Pedagogia à noite e trabalhando no dia, foi uma época difícil pra mim. Acordava às 5h da manhã e só chegava em casa por volta da 00h, pegava 2 ônibus pra voltar pra casa, e ele vinha lotado... de repente me vi numa situação que jamais planejei pra mim, me sentia sufocada e frustrada, trabalhava arduamente o mês inteiro e via meu salário evaporar pagando a faculdade, não tinha dinheiro nem tempo pra mais nada, nem esporte mais eu estava praticando, foi horrível. Fiquei tão perto de passar no vestibular da UnB, e desisti quando estava próximo da aprovação, mas é sempre assim... tive ganhos também nessa fase, com certeza vivi a dura realidade de um proletariado que depende do transporte público pra se locomover na capital, vi o quanto pagamos para o governo e isso tudo me revoltava, não me alocava naquela configuração. Até que a faculdade não era tão ruim assim, mas o fato de ter que estar lá me

incomodava, eu sabia que ali não era o meu lugar, que poderia ter sido diferente, me sentia infeliz apesar de me dar bem com meus colegas do curso, conheci pessoas boas, trabalhadoras, que enfrentavam árduas batalhas para estar sentado naquela cadeira. Buscava focar estes acontecimentos como algo que me faria crescer no futuro, tinha um lado bom com certeza, mas eu não podia desistir do meu ideal de entrar em uma Universidade Pública, minhas duas irmãs mais novas entraram antes de mim, e eu de fora, não aceitava. Então quando completei 2 semestres na faculdade fiz o que muitos chamariam de “loucura”, tranquei o curso, e fiz escondido da família mais uma vez cursinho pré-vestibular, mas dessa vez estava convicta que teria êxito na prova, e fui, sem pensar muito. Saía do emprego e ia direto pro cursinho, todo o tempo que tinha disponível lá estava eu debruçada em apostilas e livros; como tinha dificuldade em matemática peguei livros do Ensino Fundamental e os refiz, de todos os anos, e como me ajudou. Tinha dias que não tinha aula por falta de organização do cursinho mesmo, e ao invés de ir pra casa eu ficava estudando lá, e fui com toda fé que tinha em mim, todos os alunos da sala eram bem mais novos que eu, meu tempo social tinha passado e eu percebi isso na turma compostas de pessoas com menos idade que a minha. Me dediquei bastante, mesmo depois de chegar em casa eu ainda estudava de 00h20 às 2h da manhã, pra acordar às 5h, foi duro, fiquei muito cansada, mas valeu a pena. Foi se aproximando a data da prova e sempre vinha um filme retrospectivo de minha caminhada até este ponto, eu tinha de passar senão teria sido uma péssima escolha e mais uma vez, perderia tempo, e quando chegou o dia me senti muito bem, fiz com segurança e tranquilidade. Quase não dormia de tanta ansiedade pelo resultado final, foi quando no segundo vestibular do ano de 2008 finalmente vi meu nome na lista de aprovados, poucos eventos na minha história de vida me fizeram tão bem como esse dia, posso sentir até hoje a sensação de alívio ao vencer esta etapa tão importante pra mim, foi inacreditável!

Aí então minha trajetória teve esta reviravolta, fiquei por mais um ano no emprego depois fui pra um estágio de Educação Infantil, fui professora auxiliar para crianças de 3 a 4 anos por um ano, gostei da experiência mas a área também não se parece comigo. Ser professora da Educação Infantil é complicado se não for da fundação, os salários são baixos, a classe é desvalorizada e o trabalho é abundante. Mas o que mais gostei foram as aulas da UnB, parecia que tudo estava se encaixando. As aulas eram diferentes das que eu tinha na outra faculdade, o currículo é diferente de fato, lembro da minha primeira aula de Psicologia da Educação com a professora Ângela, adorei todas que ocorreram ao longo do semestre, outro fato que me marcou também foi o “trote”, característica muito peculiar das

Universidades Públicas, e no curso de Pedagogia a proposta era de um “trote solidário”, nossos “veteranos” organizaram um *tour* pelo campi para explicar a função de cada espaço no todo da Universidade. Outra medida importante foi a de doação de sangue, fizeram um mutirão com os calouros que se interessassem em doar sangue, bela iniciativa! Enquanto em outros cursos os calouros estavam sendo alvo de piadas e atitudes machistas, a Pedagogia dava uma lição de cidadania, típico de professores, muito legal. Logo que entrei no primeiro semestre participei do Centro Acadêmico (C.A), fiquei decepcionada com algumas posturas, e me afastei do C.A, tudo isso corroborou pra que eu percebesse a fragilidade com que a relação ser humano-dinheiro acontece, é inacreditável como as pessoas se corrompem facilmente, as piores são aquelas com discurso humanitário, progressista que se escondem por de trás de supostas boas intenções, chega a enjoar. Decidi não me preocupar mais com isso também, entrei no projeto de Educação Ambiental com a professora Rosângela, fiquei um ano indo ao Lixão da Estrutural acompanhar os catadores de lixo e suas famílias, foi uma época muito boa e produtiva pra mim. Fizemos visitas técnicas em locais onde o Cerrado estava sendo ameaçado de extinção pela devastação, fomos ao Parque Nacional Chapada dos Veadeiros, ao Parque Nacional Grande Sertão Veredas, esse Parque abriga a maior reserva de Cerrado do mundo, faz divisa com Minas Gerais e Bahia. Essa experiência foi emocionante, e o projeto durou um ano, depois quis estudar a sobre a questão negra que era um dos meus temas preferidos para discussão e debate. Acho curioso o fato de sermos um país de maioria negra naturalizar o processo discriminatório da raça negra, resolvi me aprofundar mais sobre o tema ao fazer a disciplina obrigatória Ensino da História com a professora Renísia Garcia, na minha humilde opinião uma das maiores especialistas sobre a temática racial que existe no país. Fiz projeto 4 e participei durante um ano no grupo de estudos sobre a questão negra sob a orientação da mesma professora, amadureci muito neste período e principalmente tive a certeza que quando mais achamos que sabemos sobre algo, maiores são as incertezas e as dúvidas, e minha monografia foi tomando outras perspectivas que não cabiam mais ao grupo. Sem dúvida alguma a experiência foi o que alicerçou meu conhecimento teórico sobre a temática e saio da graduação com o desafio de sensibilizar com os instrumentos da educação humanitária a minha realidade. Mesmo não sendo negra a questão me toca pois como grande parte da população tenho parentesco da raça negra, meu avô materno era negro, grande parte da minha família é negra, a influência familiar foi um dos principais agentes motivadores para eu tentar entender mais sobre identidade, sobre quem somos nós, qual o nosso lugar no mundo, e por que existem privilégios para certos grupos. Todos estes itens são culturalmente incultados em nossa mente por intermédio da escola, agente difusor de ideologias e

pensamentos, grande parte das construções sociais são realizadas por esta instituição, tão importante para a formação do cidadão. É neste espaço que são reforçados ou não o racismo por exemplo, tema central da monografia, será que a base de nosso conhecimento que é construído na escola consegue trabalhar de maneira crítica sobre esta temática? Essas e outras perguntas foram em parte respondida pela pesquisa, que tem de continuar mesmo fora da formalidade da Universidade. Sou grata a UnB por me ajudar a me tornar uma cidadã mais crítica e questionadora, e tenho certeza que seja qual for a minha opção daqui pra frente ficarei muito mais segura por ter tido esta formação.

## INTRODUÇÃO

Pensar a inclusão da educação das relações étnico-raciais exige considerar de modo relevante, a construção de nova prática pedagógica associada às mudanças no cenário da educação brasileira sobre a questão racial. O conhecimento produzido na escola deve ser provocador no sentido de fomentar a transformação da realidade. De nada servia promulgação de leis como a 10.639/03 que inclui no currículo das escolas o estudo da cultura afro-brasileira e africana se a mudança não partir do alicerce, que no caso consideramos a escola. Faz-se necessário após a aprovação da Lei garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. Por isso os professores exercem importante papel no processo da luta contra o preconceito racial no Brasil, assim, a intenção deste estudo foi: entender como o processo da construção e valorização da identidade negra acontece dentro do contexto escolar; analisar a relação estudante negro com a escola e sociedade após a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

O interesse pelo tema do trabalho é simples: observemos como é caracterizado atualmente no Brasil a identidade do negro. É comum associações pejorativas como ligar os negros a figura de escravo, limitando-os à condição de subalternos sociais pelo fato de nascerem com a cor da pele negra. A ideia é não continuar oprimindo e omitindo os processos de resistência e riquezas das culturas e histórias do continente e dos povos africanos. Defende-se a situação do professor como facilitador do pensamento que ressignifique a identidade do negro para os alunos. O professor deverá adotar uma postura que instigue o pensamento dialético, reflexivo e crítico, justamente para frear a sentença imposta a população negra desde a sociedade colonial.

A preocupação em traçar a trajetória do indivíduo negro desde a época do Brasil colônia teve a intenção de evidenciar suas lutas de resistência ao sistema que lhes era imposto, além de fazer um paralelo com o atual cenário político-ideológico do país.

Na intenção de compreender as análises desenvolvidas durante a fase de desenvolvimento deste trabalho, foram elaborados os seguintes objetivos:

## **OBJETIVO GERAL**

Observar e analisar como a Lei 10.639/03 (sobre a obrigatoriedade do Ensino de História da África) está sendo aplicada em duas escolas da Rede Fundamental de Ensino Público do Distrito Federal e suas repercussões na caracterização da identidade dos alunos.

## **OBJETIVO ESPECÍFICO**

- Caracterizar aspectos do sujeito negro em sala de aula;
- Identificar o lugar do professor na caracterização da identidade do negro em sala de aula;

A pesquisa inicia-se com o resgate histórico sobre a trajetória do negro desde a época do Brasil colônia aos dias atuais.

Para atender aos propostos objetivos, faz-se necessário conhecermos o embasamento teórico no qual está assentado à temática.

## **PARTE II –**

### **CAPÍTULO 1: RESGATE HISTÓRICO**

#### **1.1 O negro na sociedade colonial brasileira**

Para entender e contextualizar com maior precisão sobre a questão negra no nosso país, faz-se necessário um resgate histórico sobre a trajetória dos negros até a atual configuração na realidade brasileira. É válido ressaltar que a temática é pouco conhecida pela maioria dos brasileiros, muito se opina sobre o racismo mas na prática ainda hoje escutamos e presenciamos muitos absurdos, fruto de uma ignorância generalizada, em outras palavras, o mito da democracia racial e a silenciosa cultura do branqueamento. Sob um enfoque mais economicista (mas não de menos valia) Boris Fausto (2001) em seu livro História Concisa do Brasil destaca o critério discriminatório usado na Sociedade Colonial que distinguia determinadas categorias pelo princípio da “impureza de sangue” até a Carta-Lei no ano de 1773, FAUSTO (2001) esclarece: *“Impuros eram os cristãos novos, os negros, mesmo quando livres, em certa medida os índios e as várias espécies de mestiços. Desse princípio racial decorria a impossibilidade de ocupar cargos, receber títulos de nobreza, participar de irmandades de prestígio etc.”* (p.31)

Havia distinção entre a escravidão indígena e a negra, a começar pela condição de gente livre ou de escravo estava ligada à raça e à cor, os escravos eram negros, indígenas e mestiços. As ordens religiosas impuseram limites à exploração indígena e a Coroa estabeleceu políticas menos discriminatórias. A majoritária presença dos africanos e afrodescendentes foi constatada pelos indicadores no fim do período colonial, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, os negros e mulatos representavam maioria da população segundo Fausto (2001), apenas São Paulo tinha população de maioria branca (56%). Os escravos realizavam diferentes tarefas nas cidades, o desejo de ser dono de escravo seduzia tanto a classe dominante quanto o pequeno artesão da cidade, era o símbolo do consumo da época. E mesmo quando eram considerados formalmente livres os escravos não podiam pertencer à

Câmara Municipal ou a Ordem Terceira de São Francisco. O Antigo Regime era hierárquico e no topo de sua pirâmide social estavam a nobreza, o clero e o povo, composta pelas pessoas livres, obviamente esta estrutura geria conflitos de ordem econômica entre as classes, e foi no âmbito da produção açucareira que se teve a percepção mais acentuada da gradativa passagem da escravidão indígena para a africana. O desenvolvimento acelerado dos metais preciosos afetou a economia açucareira no nordeste aumentando o preço da mão de obra escrava; na base da sociedade estavam os escravos, que eram em sua maioria esmagadora negros e mulatos. Segundo FAUSTO (2001), dos cerca de 320 mil habitantes, os negros representavam em torno de 52%, os mulatos 26% e os brancos 22%, os trabalhos mais pesados e insalubres estavam sob a responsabilidade dos escravos, porém a falta de suporte em outras atividades gerou uma inflação que atingiu toda a colônia, o declínio do ouro foi em meados do ano de 1748. Cabe ressaltar de quando cita-se os períodos econômicos ocorridos no período do Brasil Colônia, não se pretende escalonar uma sucessão de ciclos, sobretudo reavaliar a o significado do comércio de escravos, que dentro da camada social foi um setor que chegou a ser mais relevante que os grandes proprietários rurais.

A guerra movida por Napoleão no século XIX impulsionou a vinda da família real para o Brasil, com sua presença abrem-se os portos brasileiros ao comércio exterior findando-se o sistema colonial. O engessamento econômico da colônia estava com seus dias contados desde a tendência mundial de limitar ou mesmo extinguir a escravidão, impulsionada pelas maiores potências da época (Inglaterra e França). A escravidão ia de encontro aos ideais expansionistas da economia que emergia neste contexto, por isso em 1794 a França decreta o fim da escravidão em suas colônias e a Inglaterra faria o mesmo em 1807- vale lembrar que a escravidão indígena foi extinta em 1757- associando a nova configuração da população nascida no Brasil. É interessante compreendermos em que momento os membros da sociedade colonial nascido na colônia começaram a pensar o Brasil separado de Portugal, ou melhor, quando se teve a consciência de identidade de se brasileiro? Esta certamente não é uma pergunta que se tenha uma resposta trivial e inflexível, a consciência de se ter uma identidade foi se definindo na medida em que a sociedade colonial teve interesses opostos ao da Metrópole, não eram grupos homogêneos que estavam lidando com a questão, entre os setores envolvidos abrangiam de grandes proprietários rurais a artesãos. É curioso o fato de mesmo inspirado pela Revolução Francesa e Americana, no tocante ao tema abolição da escravatura as camadas dominantes tinham resistência a ideia. Já para as camadas dominadas, a ideia de independência vinha com a reforma de igualdade social. A Guerra dos Mascates



(Pernambuco,1710), a Inconfidência Mineira (Minas Gerais, 1789) foram consideradas manifestações de rebeldia na época, sendo apontadas como exemplos afirmativos da consciência nacional, a primeira manifestação era lideradas por rebeldes que se denominavam mineiros, baianos e pernambucanos, a segunda pela elite colonial formada por mineradores, fazendeiros, e pessoas com vínculo com as autoridades das capitanias. Porém, a intenção da maioria de se proclamar uma República seguindo os moldes da Constituição dos Estados Unidos não aconteceu, e a intimidação da colônia portuguesa para o movimento tornou como mártir “Tiradentes”. No fim do período colonial e com a independência em 07 de setembro de 1822, dados sugerem que do ponto de vista racial, menos de 30% da população eram branca.

Os movimentos de luta e reação contra as relações escravistas aconteceram de diversas maneiras: guerrilhas, insurreição, assassinatos de feitores e senhores e fugas individuais e coletivas que levaram à formação do quilombo. Entretanto, não se deve confundir as lutas negras na colônia como movimentos de consciência coletiva e politicamente organizada com a intenção de se eliminar o regime escravista. Nem pode-se considerar que foram movimentos ideologicamente para a tomada de poder. Foram, invariavelmente, rebeldias, coletivas ou individuais onde o negro buscava livrar-se da escravidão. Estas ressalvas não anulam a importância da luta dos negros no período colonial.

## **1.2 “Ganga Zumba ou Grande Senhor”**

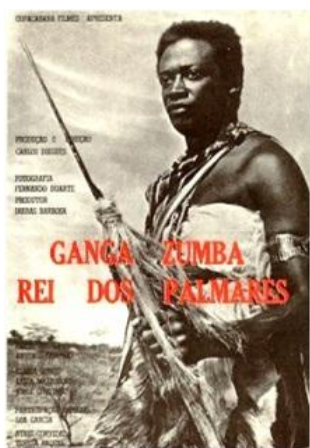
O Quilombo dos Palmares foi uma comunidade localizada no atual Estado de Alagoas, em região de difícil acesso com terras férteis de frutas, caça rios e madeira. O Quilombo por definição é uma comunidade formada e organizada por negros em luta pela liberdade, foram redutos da resistência negra contra a escravidão. Em qualquer lugar do Brasil onde tivessem relações escravistas surgiam os quilombos, eram locais organizados, onde quem morasse por lá tinha a esperança de reconstruir a vida social. Das dezenas de quilombos que existiam, destacou-se o Quilombo dos Palmares, tinha população bastante heterogênea, conviviam negros de diferentes etnias, índios e mestiços que se juntavam em aldeias conhecidas como mocambos, onde desenvolviam a arte da cerâmica, praticavam rudimentos de metalurgia além de resgatarem seus hábitos e costumes.

Quem chegava a Palmares era por espontânea vontade, pois passariam a viver em liberdade, a fertilidade da região dos Palmares gerou grandes plantações e colheitas,

cultivava-se cana-de-açúcar, arroz, milho, fumo, mandioca e batata-doce. Fazia-se um pequeno comércio com os habitantes das redondezas. A organização política de Palmares assemelhava-se à de um reino africano. O governo era exercido por um rei e por um Conselho, o rei era escolhido pelo desempenho exercido em guerras. O primeiro deles foi Ganga Zumba, substituído por Zumbi, grande nome da resistência palmarina. Palmares, com sua configuração política, econômica e social era um verdadeiro Estado dentro do Brasil senhorial, por isso sua existência era considerada uma afronta à ordem branca instituída, devendo ser eliminada. Depois de diversas tentativas ao Quilombo dos Palmares, foi finalmente destruído, em 1694 pelas tropas comandadas pelo paulista Domingos Jorge Velho. Zumbi resistiu até onde conseguiu, seu quilombo foi apanhado de surpresa pelas forças inimigas, os fugitivos morreram lutando, Zumbi consegue fugir mais é capturado, e no dia 20 de novembro de 1695 foi aprisionado e decapitado em praça pública, para servir de exemplo aos negros que o julgavam imortal. Hoje no Brasil comemora-se no dia 20 de novembro como o dia da consciência negra, símbolo da luta contra o racismo e preconceito no país.

Figura 01

“Ganga Zumba”, o Rei dos Palmares



Fonte: [www.geocities.ws](http://www.geocities.ws)

### 1.3 Os negros no Brasil Monárquico

No Brasil Monárquico (1822-1889), período marcado pela flutuação política, e muitas rebeliões, destaca-se a Guerra dos Cabanos, eclodida em Pernambuco entre os anos de 1831-1835, os” cabanos eram os trabalhadores dos campos, os indígenas e escravos, que após a proclamação da independência do Pará essas tropas tomaram Belém, mas até as tropas

legalistas retomaram-na. Mesmo com o apoio e participação dos negros, não houve um movimento a favor da abolição. Já a Sabinada que aconteceu na Bahia firmou compromisso com os negros que “pegassem em armas” pela Revolução, e a Balaiada Maranhense teve sob liderança o negro Cosme, os rebeldes foram derrotados por volta de 1840, e Cosme enforcado em 1842, seguiu-se uma concessão de anistia condicionada a reescravidão dos negros rebeldes. A novidade da economia no Brasil viria com a plantação de café, e com ela a expansão do tráfico negreiro se deu, em grande parte, por esta nova modalidade. A Inglaterra pressionava o Brasil para o fim do tráfico, a média anual de ingresso de escravo no país subiu no decênio da independência, a maioria dos escravos eram enviados as lavouras cafeeiras.

O parlamento inglês aprovou um ato conhecido no Brasil como “Bill Aberdeen” que autorizava a Marinha inglesa a tratar navios negreiros como piratas, com direito a apreensão e julgamento pelo tribunal inglês. Somente quando um projeto de lei ao Parlamento que mais tarde se converteria em lei em setembro de 1850 que era para se tomar medidas mais eficazes contra o tráfico negreiro é que a entrada de escravos no país caiu consideravelmente. Este movimento de fora para dentro contra a escravidão foi essencial para a extinção deste, após estas medidas a escravidão estava destinada a acabar. E foi a partir da década de 1880 que o movimento abolicionista ganhou força, várias figuras de elite entre elas Joaquim Nabuco, importante parlamentar e escritor participaram de campanhas abolicionistas. Nesse contexto, em 1871 promulga-se a Lei do Ventre Livre, que previa a liberdade para todos os filhos de escravos, anos mais tarde, em 1885 ocorreu a aprovação da “lei dos sexagenários” que em linhas gerais concedia liberdade a todos os cativos maiores de 60 anos. Mas o destino dos escravos variou de acordo com a região do país, em alguns lugares eles foram libertos se instalando em terras desocupadas e tornaram-se posseiros, peões no trato do gado, substituindo-os por imigrantes. A abolição da escravatura não eliminou o problema da condição social do ser negro.

“Embora encontremos libertos em ações rebeldes da população negra, essa categoria ficou em uma posição intermediária entre livres e escravos, aproximando-se socialmente dos brancos pobres. As alforrias suavizaram assim o choque racial direto. Além disso, em certas condições de forte presença da população negra, os alforriados tiveram papel importante de preservação comunitária. O caso mais típico é o da Bahia, onde libertos do século XIX asseguraram a existência de uma comunidade que combinou culturas africanas e europeias.” (FAUSTO 2001)

Em 1887 o exército brasileiro recusa-se a perseguir escravos, que também recebia o apoio da igreja católica, foi então que no ano seguinte, assumindo provisoriamente o trono no

lugar do pai, princesa Isabel assina a Lei Áurea no dia 13 de maio de 1888. O marco legal não promovera mudanças sociais na vida dos recém libertos, os alforriados geralmente dirigiam-se para as grandes cidades ou se mantiveram empregados na propriedade de origem.

#### **1.4 Os negros na Primeira República (1889-1930)**

A partir de 1930 ocorreu uma troca de elite no poder, caíram os quadros oligárquicos tradicionais, subiram os militares, os técnicos diplomados, os jovens políticos e, mais tarde, os industriais. O movimento revolucionário de 1930 no Brasil estava inserido num contexto de instabilidade econômica gerada pela crise mundial aberta em 1929. O fim da primeira república modernizou o país e suas instituições, o Brasil passa a se pensar a si mesmo como uma civilização híbrida, miscigenada, não apenas europeia, mas produto do cruzamento entre brancos, negros e índios. O “caldeirão étnico” brasileiro seria capaz de absorver e abraçar as tradições e manifestações de diferentes povos que para aqui imigraram em diferentes épocas; rejeitando apenas aquelas que fossem incompatíveis com a modernidade (superstições, animismos, credices, etc), (GUIMARÃES, 2001).

Até aqui o Brasil tinha reconhecidamente fundamentos biológicos e demográficos sobre a questão racial. A Primeira República foi responsável pela europeização do país, enquanto a partir da Revolução de 30 e a Segunda República foram responsáveis por conter esse movimento. A chegada do Estado Novo significou para o Brasil uma postura centrista sob o ponto de vista econômico, houve uma aliança da burocracia civil e militar e da burguesia industrial, cujo objetivo era o de promover a industrialização do país sem grandes abalos na estrutura social. O Estado novo perseguiu, prendeu, torturou, forçou ao exílio intelectuais e políticos, apesar de aproximação ideológica as relações entre Brasil e Alemanha estava se distanciando, ao mesmo tempo que que marcava sua distância com o fascismo nacional, o Estado Novo investia contra grupos nazistas existentes no Sul do país. O embaixador da Alemanha foi declarado *persona non grata* e viu-se forçado a deixar o Brasil. (FAUSTO, 2001). A grande preocupação dos principais teóricos e pensadores era como seria o futuro do país enquanto nação, o integralismo foi um projeto de reconstrução nacional e uma das tentativas de pensar a nação brasileira. Entretanto, quando Getúlio Vargas decretou o golpe, não cumpriu com a promessa de associar os integralistas ao governo, causando descontentamento. Para fins do recorte da monografia,

cabe ressaltar que a doutrina integralista a propunha englobar a temática racial fundada no contexto da busca da identidade nacional, o integralismo retirou da discussão sobre a questão racial do campo das ciências e razão, transportando-os para o campo da moral e dos valores, dando-lhes um aspecto humanista.

“Essa operação ideológica possibilitou ao movimento combinar a defesa de princípios racistas e excludentes com a negação do racismo enquanto parte integrante do seu ideário. A negação do racismo foi, inclusive, utilizada como marco divisório entre o integralismo e o nazismo alemão, possibilitando às lideranças integralistas a elaboração de um discurso crítico ao nazismo e ao seu “imperialismo racista”(CRUZ, 2004)

O integralismo fundamentava-se na miscigenação da história, a “alma” nacional ganhava espaço no aspecto moral e ético, condizente aos valores cristãos atrelados ao integralismo. Porém, por trás da aparência de “lutar pela causa negra” havia um projeto de nação voltado para a ideia que a síntese racial é essencial para o desenvolvimento da nação, ocultando o conteúdo racista; o meio de se atingir tal objetivo é com a construção e formação de uma homogeneidade étnica e cultural definida pela miscigenação racial. O projeto supõe-se que a miscigenação estaria ligada às tradições históricas, culturais e religiosas da nação e velava a vontade de branquear o país misturando-se as raças.

Uma importante instituição negra surgida no ano de 1931 foi a Frente Negra Brasileira (FNB), pioneira na instituição negra após o período abolicionista, seu principal objetivo era a inserção do negro na sociedade e principalmente compor o negro no projeto da nação brasileira. Assim, torna-se um partido político em 1936, mas em 1937 Vargas instaura o Estado Novo e decreta o fim de todos os partidos políticos. A FNB foi uma instituição que buscou socializar o negro mas negava suas raízes, além de se apoiar em um movimento elitista, isso mostra a incoerência de sua existência. Em sentido oposto a FNB foi criado em 1940 no Rio de Janeiro o Teatro Experimental Negro (TEN), o teatro tinha formulação positiva a raça negra preocupava-se em ressaltar os costumes folclóricos e populares da cultura. Esse resgate é fundamental pra identidade do negro, gerado em meio a tantas informações e exclusões, a exemplo disso temos o candomblé, a capoeira e o samba que são considerados os instrumentos mais profundos de expressão da negritude.

### **1.5 O movimento negro na República Populista e Ditadura Militar**

Com a queda de Getúlio Vargas o poder ficou transitoriamente nas mãos do presidente do Supremo Tribunal Federal, e no fim de janeiro de 1946 o ex-ministro da Guerra durante todo o Estado Novo, o general Eurico Gaspar Dutra sobe ao poder apoiado por Getúlio Vargas. A década de 40 assistiu ao surgimento de intelectuais negros e de centros de estudos afrobrasileiros. O surgimento de uma característica acadêmica a questão negra, ia, ironicamente de encontro ao avanço das discussões sobre a temática, as lideranças advinham sobretudo de escolas de samba, grupos comunitários, religiosos ou de esporte, de certa maneira não houve unidade no objetivo que acabou engessando evoluções.

Surgia aqui um problema: os negros se dividiram em hierarquias tal qual os moldes capitalistas, falava-se em elevação de nível cultural, e a criação de uma elite afrobrasileira, outra barreira encontrada foi a tentativa de aproximação da elite afrobrasileira e o proletariado urbano afrodescendente, que não se convencia dos ideais civilizatórios pregado pelo movimento. Mesmo com este cenário, um dos maiores avanços na luta dos negros foi a aprovação da Lei Afonso Arinos, em 1951 que proibia a discriminação racial no Brasil, a lei foi a primeira do Brasil a tratar do assunto no Brasil instituindo como punição o pagamento de uma multa.

O golpe de 64 representou um retrocesso no curso dos movimentos sociais, inclusive o movimento negro, que ficaram trabalhando na clandestinidade. Foi por isso que na década de 70 ele aparece com uma nova roupagem, o golpe pôs fim a primeira experiência democrática e cessou a fase populista.

### **1.6 Da redemocratização até os dias atuais**

De 1968 até 1974 os anos foram marcados pelo período mais repressivo da ditadura militar, conhecido como “*anos de chumbo*”, os brasileiros sofreram as restrições impositivas dos Atos Institucionais (AI) que anulava a democracia, foram anos de perseguições, censura e falta de liberdade. Com a extinção da ditadura, a estrutura militar foi enfraquecendo e por

outro lado o Brasil passava por uma abertura política que teve início no ano de 1974, coincidindo com o fim do grande crescimento econômico. Neste contexto ressurgiu o movimento negro em meados da década de 70 que enquanto movimento social uniam-se em práticas que se elaboram a identidade, sugerem também nesta época intelectuais negros que valorizaram a cultura e população negra. Muitos movimentos emergem neste momento, com destaque para o Movimento Negro unificado (MNU) criado em 1978, esta entidade marcou a história do movimento negro contemporâneo pelas lutas antirracistas, mas ao final dos anos 80 o movimento negro não consegue maiores adesões e destaque político por incorrerem no mesmo erro de outras elites: a separação por classes, como o movimento tinha mais caráter de organização que o movimento e por isso tinha o discurso mais academicista terminou por espantar grande parte da população negra por participação ativa.

Em 1984 acontece as Diretas Já, que apoiava o projeto de Lei do deputado federal Dante Oliveira com a proposta de eleições diretas para o cargo de presidente, quando em 1985 assume José Sarney no lugar de Tancredo Neves que falece antes de tomar posse.

“Todo esforço foi coroado com a Instalação da Assembleia Nacional Constituinte, em fevereiro de 1987. Os movimentos negros, por meios de articulações buscam garantir espaço, para tanto chegam a manter plantões permanentes junto ao Congresso Nacional. O fruto deste trabalho foi a criação de uma subcomissão dos Negros, Populações Indígenas, Pessoas Deficientes e Minorias, um reconhecimento público, por parte dos constituintes sobre a necessidade do debate sobre o movimento negro e suas questões, sinalizados nos diversos encontros ocorridos no país, desde 1985.” (BASÍLIO, Ildeu 2013)

Pode-se perceber que passos mais precisos na luta antirracista estavam acontecendo, essas informações são essenciais para que se possa compreender melhor como foi a luta dos negros desde o Brasil Colônia, que ao contrário de muitas prerrogativas não foram apenas vítimas engessadas de um sistema. A luta pela liberdade e a atuação diversificada dos negros no mundo do trabalho são informações que nos permitem pensar de modo mais dinâmico toda esta trajetória, que não é constituída apenas de derrotas e intempéries.

## **CAPÍTULO 2: METODOLOGIA**

### **1.1 Metodologia**

Para desenvolver as ideias levantadas neste trabalho utilizou-se como procedimento de estudo observações em sala de aula em duas escolas do Distrito Federal e aplicação de questionário. A investigação utilizada será pautada se caracteriza por um método de pesquisa exploratório descritivo, como qualquer exploração, a pesquisa exploratória depende da intuição do pesquisador, por ser um tipo de pesquisa específica, quase sempre ela assume a forma de estudo de caso (GIL, 2008), é uma abordagem que visa uma interpretação da realidade (a partir da observação) local buscando articular uma parte ao todo.

De acordo com Gil (2008), as pesquisa descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência, por isso a pesquisa conta com descrição dos locais e situação social dos atores envolvidos. A intenção de aplicar questionário aos alunos, responsáveis dos alunos e Direção Escolar foi tentar identificar como a questão racial é vivida na prática por essas pessoas e se após a Lei 10.639/03 mudou a maneira de encarar a temática pelos respectivos entrevistados. O instrumento de coleta de dados foi a opção de um questionário semiaberto, respondido por três grupos diferentes: Grupo I (Alunos), Grupo II (Responsáveis dos Alunos/ Comunidade Local); Grupo III (Direção Escolar), só foi possível aplicação na escola da Ceilândia, a escola da Asa Norte justificou que não poderia participar por motivos particulares.

Quanto à análise foram criadas 6 (seis) categorias para os alunos, 5 (cinco) para os responsáveis dos alunos/ comunidade local e 6 (seis) para a Direção Escolar. A quantidade de participantes foram: 22 (vinte e dois) alunos, 20 (vinte) Responsável/ Comunidade local e 6 (seis) Direção Escolar. Os documentados adquiridos na coleta de dados foram usados no sentido de contextualizar o fenômeno e explicitar suas vinculações teóricas angariada nas informações coletadas.



## 1.2 A caracterização da identidade nas aulas observadas, pautada na Lei 10.639/03

Neste capítulo, trata-se da reflexão sobre a trajetória do negro no Brasil e a caracterização da sua identidade na história nacional. O negro ao ser subtraído de suas origens e ser vendido em praça pública segmentou sua identidade, as ações afirmativas são tentativas de formar o todo das partes.

“A identidade negra é entendida como um processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, no contraste com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo. Como diz Souza (1990), ser negro no Brasil é tornar-se negro. Assim, para entender o “tornar-se negro” num clima de discriminação, é preciso considerar como essa identidade se constrói no plano simbólico. Refiro-me aos valores, às crenças, aos rituais, aos mitos, à linguagem. Esses dependem de maneira vital das relações dialógicas com os outros.” (GOMES, 2011)

Realocar a identidade do negro nas escolas é discussão que vem avançando no Brasil, especialmente por intermédio da Lei 10.639/03. Essa Lei alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e incluiu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro Brasileira e Africana. Como pudemos observar a história que nos é mostrada induz a perpetuação da ideia de inferioridade da população negra, ainda existem nas escolas principalmente do Ensino Fundamental onde crianças negras negam sua identidade e sentem-se verdadeiras alienígenas em sala de aula, não se veem representados em nenhum espaço da sociedade. Nos livros didáticos ainda se tem poucos personagens negros, e quando aparece está ligada a escravidão e situações onde o negro é subalterno, tudo isso contribuiu para a visão negativa do ser negro, de uma população que construiu a nação brasileira e sente-se fora, excluído por discriminação, quando surgiu a referida Lei foi um avanço em termos legislativos como alguns citados no passado remoto, e como bem sabemos a instauração na Lei não significou mudança de postura. Obviamente que estamos em outros tempos e a luta pela igualdade de tratamento está em patamar mais elevado, a ideia de observar duas escolas que teoricamente deveriam estar aplicando a lei em suas respectivas salas nasceu com este sentimento de observar como e se está de fato acontecendo tal orientação.

Após toda explanação sobre a trajetória do negro até os dias atuais, esta parte dedica-se a relatar as observações analisadas nas duas escolas de Ensino Fundamental e ao final, concluir aliando ao que foi presenciado. Ressalto que houveram profundas diferenças entre as instituições, e que na primeira escola escolhida tive maior autonomia em pedir informações e inclusive aplicar questionário, na segunda me deparei com greve e pouco tempo para análises,

o que impossibilitou a aplicação de questionário, de qualquer maneira as duas escolas forneceram informações valiosas que só existem pela natureza da pesquisa. A primeira escola foi fundada em 1981, conta com 29 turmas que incluem a Educação Infantil e os Anos Iniciais até o 5º ano. Dessas, 25 são compostas por algum aluno com Necessidades Educacionais Especiais- ANNE'S, dentre elas: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Deficiência Intelectual(DI), Deficiência Múltipla (DMU), Deficiência Física(DF), Deficiência Auditiva(DA), Transtorno do Desenvolvimento Global (TGD) e síndrome de down. Trata-se de uma escola inclusiva, a instituição conta com uma Equipe de Apoio Especializado à Aprendizagem, composta por uma psicopedagoga e uma orientadora educacional, como complemento, existe também uma sala reservada a esses alunos que é gerenciada por dois professores que visa auxiliar em sua sala de recursos. A escolha por observar o professor Francisco Thiago graduado em História, e que ministra aulas no 4º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública, veio pelo destaque de um projeto idealizado por ele que chama-se: “Nossas raízes africanas: literatura e cultura afro-brasileira em prol de uma educação antirracista. Esse projeto busca observar a práxis adotada pelo referido professor, analisar o PPP (Plano Político Pedagógico) da escola, ao PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e o artigo 26-A da LDB.

A partir do exposto e do exemplo feito pelo professor citado, devemos pensar que os processos educativos construídos ao longo da história muitas vezes silenciou outras histórias do contingente negro, reconhecer essa trajetória e reconstruí-la é reconduzi-la a um outro caminho, para o exercitar a liberdade é necessário fazer parte dessa nova configuração didática que se propõe. O professor faz garantir a aceitação da diferença como um exemplo de diversidade humana sendo esse um dos caminhos para a construção de um verdadeiro processo educativo. Nilma Lino Gomes (2005) destaca três aspectos que podem nos ajudar nessa reflexão: primeiro garantir uma escola que se constitua enquanto direito social (igual para todos), igual no sentido social e não normativo e a partir daí se questionar sobre como o currículo é construído? Como se dá a seleção de conteúdos? Que visão se tem dos negros nas escolas?

“Em se tratando de diminuir desigualdades sociais, é preciso políticas públicas específicas para as populações negras, no sentido de impedir a manutenção desta disparidade entre brancos e negros nas gerações futuras.” (Garcia, 2007)

Para que aconteça essa transformação, repensar o espaço escolar a partir de uma reflexão de como as identidades são construídas é o começo de para a materialização de sua sociedade verdadeiramente livre. A escolha de observar um educador que trabalhe nessa linha de pensamento emancipatória pareceu a que traria um retrato mais fiel de como pode-se de fato acontecer a implementação do artigo 26-A, e mostrar com isso, um caminho que contemple as relações étnicorraciais de forma igualitária. Foi aplicado um questionário com a turma do 4º ano- onde o professor Francisco Thiago ministra suas aulas, outro para Coordenação Pedagógica/ Direção, e por fim para os pais/ responsáveis, todos eles tratavam de questões ligadas ao artigo 26-A. Todos aceitaram responder ao questionário com a condição que não se identificariam. A escola como já foi dito, situa-se no setor “P” norte da Ceilândia, que é um local mais afastado do centro do Distrito Federal, com menos pavimentação, esgoto pelas ruas, asfalto inacabado com bastante buraco, lixo nas vias, e casas mais simples, com alguns barracos e invasões. Mas a escola em si é organizada e limpa considerando as condições do local. As salas não tem muita ventilação, mesas e cadeiras mais velhas e os banheiros apesar de não ter papel higiênico são limpos. Fiquei na turma composta por 29 alunos, dos dias 25/10/12 a 18/11/12, a turma tem predominância de negros (somatória de negros e pardos) - sendo 15 meninas e 14 meninos, sendo a maioria de negros nos dois segmentos. Como a escola é inclusiva, tem duas crianças na sala que foram diagnosticadas com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), ambos recebem atenção redobrada de suas respectivas famílias, os dois são primos. A maioria dos alunos residem próximos a área escolar, e fazem uso do transporte cedido e subsidiado pela Secretaria de Educação, a sala apresenta algumas dificuldades de adaptação como: imaturidade, necessidade de maior tempo para sanar suas dúvidas e perguntas, pude perceber nesse período que muitos alunos- talvez a maioria- não conseguiam terminar as tarefas no tempo esperado, e sempre tinham alguma dúvida, especialmente na disciplina de matemática e português. São participativos, questionadores, críticos e apresentam simpatia pelo professor, alguns reclamam de autoritarismo por parte do professor, outros não, isso dependerá de como a turma se comporta durante a aula, alguns alunos extrapolam nas conversas, brincadeiras e passeios pela classe, e quando o fazem são chamados a atenção pelo professor. A organização da sala é algo que os alunos e o professor faz questão de zelar, o que é interessante, todos ajudam na limpeza da sala e quando chega na hora do intervalo o professor escolhe dois ajudantes que se revezam para distribuir o lanche e depois recolhê-los, após o intervalo eles se arrumam em filas para irem ao banheiro e beber água. Uma cena interessante foi a decoração da sala, com muitas cartolinas coladas com trabalhos relacionados a cultura negra e ao projeto “Nossas

raízes africanas: literatura e cultura afro-brasileira em prol de uma educação antirracista”. Assim que cheguei a escola percebi alguns olhares curiosos dos alunos e mesmo dos professores, mas logo os alunos se aproximaram de mim e alguns professores pude notar resistência, especialmente da diretora, que não me tratou mal, mas também não fazia questão de ajudar. Fiquei quase essas 2 semanas pedindo o Projeto Político Pedagógico-PPP- e ela me entregou exatamente no último dia, e mais, eu não podia tirá-lo da escola para copiar, e tinha que observar na frente dela e anotar o que julgasse necessário, e foi o que fiz. O nome do PPP é o “Prazer da descoberta”, como não podia copiar tudo, escrevi no formato de tópicos que são reescritos na íntegra do documento para facilitar a compreensão:

- A escola implementa projetos interdisciplinares que constam da parte diversificada do PPP garantindo a escolha de assuntos relevantes, a disponibilidade da equipe docente e a participação do aluno no ensino-aprendizagem;
- Fundamentação teórica: Construção recíproca entre o ser humano e o meio;
- Teorias Interacionistas: Teoria Interacionista Piagetiana e a Teoria Sócio-Interacionista de Vygotsky.
- Projetos Interdisciplinares:
- Projeto Interventivo- Foco em alunos com defasagem nos conteúdos, acontece durante todo o ano letivo;
- Projeto Semana da Criança: resgate de brincadeiras infantis que fazem parte do folclore brasileiro, acaba o projeto com uma festa para crianças.
- Programa Ciência em foco: construção de conhecimentos científicos e tecnológicos;
- Projeto de xadrez: 4º ano e 4º série do ensino fundamental com o objetivo de desenvolver o raciocínio lógico;
- Projeto festa junina: adquirir novos conhecimentos de forma contextual e lúdica;
- Projeto Recreação dirigida: desenvolvimento de atividades psicomotoras, recreativas e socializadoras;
- Feira de Ciências: comunidade e escola participam;
- Projeto Monitoria do Recreio: proporciona orientação e supervisão das atividades desenvolvidas no recreio;
- Citação da Lei 11.645/08 que Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e

bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

- A gestão administração pedagógica é compartilhada;
- Meta de 90% de aprovação dos alunos do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA III);
- Atendimento específico par alunos com NEE;
- Realizar o projeto: “Programa de Erradicação contra as Drogas e Violência-PROERD”;
- Educação Especial
- Modalidades de Atendimento na Instituição:
- Classe comum: constituída para estudantes com ou sem deficiência;
- Integração Inversa: Classe diferenciada de atendimento em caráter transitório de estudantes com deficiências e/ ou transtornos Global de desenvolvimento junto com outros sem deficiência;
- Classe especial: alunos exclusivos com NEE.

A única menção sobre as relações étnicorraciais no PPP (Projeto Político Pedagógico) foi a citação do artigo 26-A, na parte que fala sobre projetos que copiei na íntegra, não consta nenhum relacionado à temática negra, nem mesmo o projeto que o professor Thiago desenvolveu. Outra observação é que não percebi um alinhamento ideológico do professor com a direção, ele não recebeu e nem recebe apoio em seu trabalho, apenas de três outras professoras que também adotaram sua ideia e realizaram juntos o projeto. As etapas do projeto “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” serão descritas a seguir. As imagens abaixo foram todas tiradas do site <http://professorfranciscothiago.blogspot.com/2011/05/2005-1-encontro-do-projeto-nossas.html>

20/05: 1º dia “Nossas raízes africanas”



Figura 02: Foto do mural da escola

27/05- 2º Encontro: “História e Geografia da África”

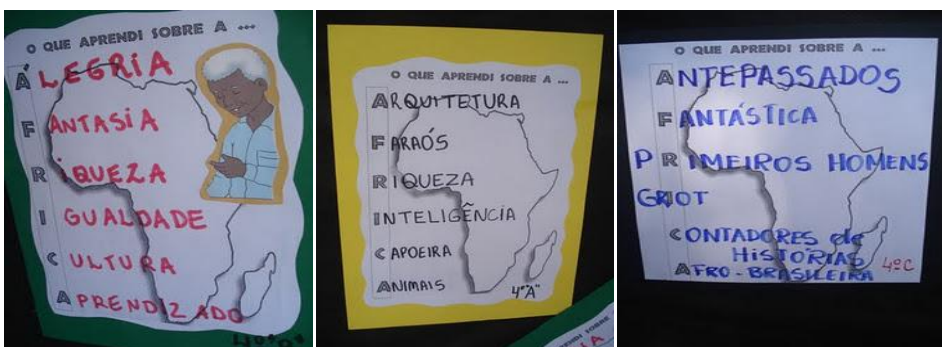


Figura 03: Foto do mural da escola

03/06-3º Encontro “ A escravidão negra no Brasil”



Figura 04: Foto do mural da escola

### Mês Junho:

02/06- Assistindo ao filme “Quilombo”;

08/06- Aula sobre “Passado religioso/cultos de matriz africana no Brasil.”

15/06-4º Encontro: Programa Alternativo do SBT faz reportagem com o professor sobre o projeto.

17/06-5º Encontro: “O que a Lei Áurea trouxe”?



### Mês Julho:

03/07- Lista de livros, música e filmes com a temática étnicorracial;

31/07- Leitura sobre a cultura afro-brasileira: Danças, música e capoeira.

### Mês Agosto:

19/08- Alunos aprendem sobre a história de personagens negros da nossa história e sobre a riqueza do provérbio africano.

26/08- Alunos aprendem sobre a culinária brasileira de origem africana.

Mês Setembro:

02/09- Alunos aprendem sobre a herança religiosa da África por meio de mitos;

18/09- Encerramento do projeto “desconstruindo o mito da democracia racial”

Minha chegada na escola foi nesse contexto, eles tinham acabado de encerrar o projeto “desconstruindo o mito da democracia racial” e pareciam estar bem entendidos de muitos conceitos em torno da identidade negra, me espantei ao saber que os alunos pareciam saber o que pode ser caracterizado como preconceito racial. As matérias que são ministradas no 4º ano são: Português, Matemática, Ciências, Geografia e História, cada professor adequa da maneira que julgar ser melhor. Os alunos são mais interessados nas disciplinas que envolvem mais leitura, costumam participar das perguntas que o professor faz, mas quase não tiram dúvida- o que não significa que saibam tudo-. Na 1º semana o professor deu um enfoque maior sobre a questão negra, e no 2º dia ele me mostrou caderninhos de anotação, trabalhos apresentados na Feira Cultural que foi organizada por ele, caderno com receitas típicas da culinária africana, tudo voltado para o tema proposto. Então, ao me mostrar esse material ele aproveitou e fez uma revisão com a turma sobre o que eles aprenderam no projeto, todos os alunos pegam nesse momento seus cadernos, e então o professor pede para que falem palavras que remetiam ao projeto, copiei todas que estavam no quadro, e são elas:

Racismo/preconceito/culinária/cultura/dança/arte/religiosidade/música/arte/capoeira/jongo/senzala/escravidão/quilombo/ navio negreiro/ xadrez das cores/ Amistad/ banana/ quase deuses/ candomblé/ Zumbi dos Palmares/ Ganga Zumba/ pérola-negra/ música: racismo é burrice/ orixá/ Iemanjá/ Oxalá/ cultos/ tambores/ samba/ canto das 3 raças/ acarajé/ dendê/ Chica da Silva/ Pelé/ Anastácia/ provérbios/ arte adinkra/ abará/ Taís Araújo/ Gilberto Gil/ Berimbau/ mãe menininha.

Os alunos seguem com total sintonia com o professor, que aproveita para relembrar o nome da doença Banzo (sentimento de nostalgia que os negros da África tinham quando estavam ausentes de seu país), e diz que o processo de escravização no Brasil relembra a condições a que os negros eram submetidos. A classe diz que os quilombos eram “cidades” feitas por negros fugidos, sabem que a princesa Isabel não foi uma heroína por ter assinado a lei que libertava os escravos, isso é muito importante porque mostra um movimento de abandono a história positivista impregnada de heróis e datas de guerra. Dentre as atividades que os alunos produziram no projeto me chamou a atenção um dicionário montado por eles



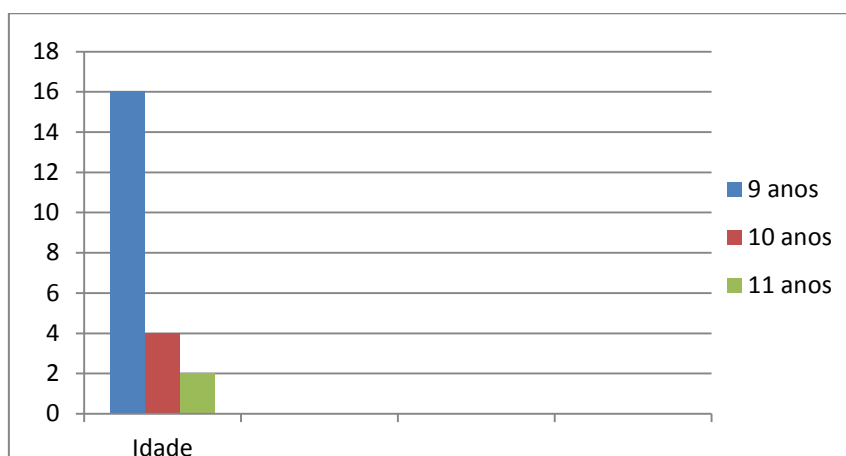
que só tinha palavras em iorubá e os desenhos que cada um fez de um orixá de sua escolha. Fiquei curiosa em saber se nenhum responsável havia se negado em deixar seus filhos participarem do projeto e ainda desenharem orixás, sabemos que as religiões de matrizes africanas são arraigadas de preconceitos e estigmas, e ao que parece o professor estava desmistificando essa ideia dentro de sua realidade. Iniciativa muito válida para acabar com a prática da naturalização do preconceito. Porém, nas outras disciplinas não notei nenhum atrelamento com a temática racial, mas ao que me pareceu foi pelo motivo do projeto ter sido longo, talvez tivesse tido tempo o suficiente para trabalhar tais questões. Os pais gostam e respeitam bastante o professor, e concordam com sua proposta de mudança de paradigma por intermédio da educação.

As perguntas direcionadas aos alunos eram as seguintes:

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Você mora na Ceilândia?
- 3) Qual a sua cor?
- 4) Você acha que existe racismo no Brasil?
- 5) Como a sua escola poderia ajudar no combate a discriminação racial?
- 6) Escreva uma palavra que defina racismo pra você.

Dos 29 alunos, 22 responderam. Os alunos tem entre 9 e 11 anos, todos Na Ceilândia, e são unânimes em achar que existe racismo no Brasil. Para compreensão dos gráficos considera-se **total de 22 alunos**. As respostas estão baseadas em questionário aplicado em sala de aula.

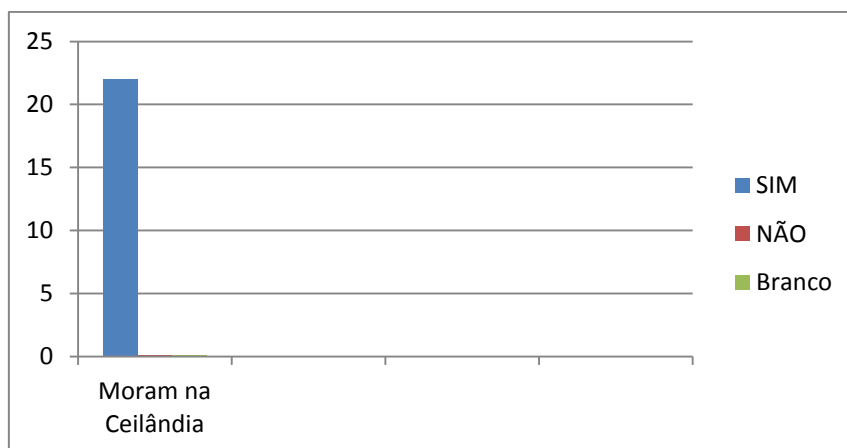
### Gráfico 1- IDADE DOS ALUNOS



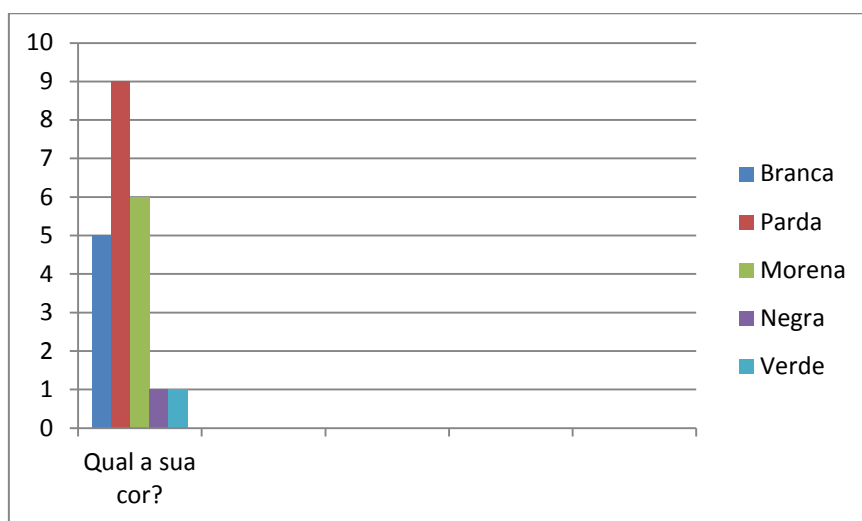
A maioria (16- dezesseis- alunos) dos alunos tem 9 anos de idade, 4 (quatro) com 10 (dez) anos e 2 (dois) com 11 (onze) anos. Isto significa que apenas 2 (dois) com idade de 11 (onze) anos estão fora da idade esperada no 4º ano que fica na faixa de 9 (nove) e 10 (dez) anos. O Ensino Fundamental tem esse nome por ser o único período escolar obrigatório segundo a Constituição Brasileira. A Lei 11.274/06 e a Deliberação do Conselho Estadual de Educação 61/06 determinam a implantação do Ensino Fundamental com 9 (nove) anos de duração, antecipando o ingresso do aluno no Ensino Básico aos 6 (seis) anos de idade. Dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios- PDAD 2010, da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) aponta que do total de habitantes da Região Administrativa (RA), 24,5% tem até 14 anos de idade, 64,3% concentram-se no grupo de 15 a 59 anos e os demais 11,2% estão na faixa dos 60 anos. O que significa que nos referimos a uma região onde a idade da força de trabalho (15 a 59 anos) é predominante, isto influencia nas relações culturais do local, onde os pais saem para trabalhar fora da região e deixam seus filhos na escola no mesmo espaço de tempo de sua jornada trabalhista. Podemos considerar a sala homogênea quanto a idade dos alunos, eles já estão na escola no mínimo há 3 (três) anos, os primeiros anos da vida escolar são marcados por grandes transformações e descobertas, aos poucos os alunos começam a se situar no mundo e aprendem a lidar melhor consigo mesmo e com os outros, começam a desenvolver o senso crítico de maneira mais acentuada. Na sala onde estive observando, pude notar que os alunos tinham a necessidade de formar grupos, e que os alunos mais velhos (11 anos) pertenciam ao mesmo grupo, como se um se enxergasse no outro. Os demais uniam-se por interesses variados, não necessariamente pela idade, mas

pela opção comum do time de futebol, do estilo musical, de serem vizinhos, nada ligado a algum conteúdo por exemplo, o que não significa nada de anormal.

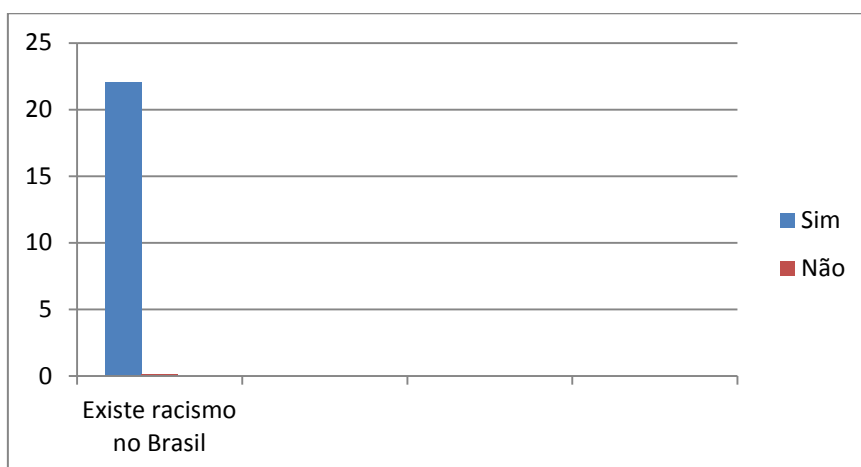
### Gráfico 2- MORA NA CEILÂNDIA?



Esta pergunta foi feita com o intuito de saber se pelo menos a maioria dos alunos moravam na Ceilândia. E de fato todos os 20 (vinte) responderam afirmativamente, as escolas do Plano Piloto costumam atender a população da periferia, são poucos os alunos que moram nas proximidades da escola, e como a Ceilândia por ser a cidade mais populosa do Distrito Federal segundo último censo (ano de 2010) IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) boa parte dos alunos são dessa região. Segundo dados da PDAD 2010 a população urbana da Ceilândia é de 398.374 habitantes, com taxa de crescimento anual acima da média do Distrito Federal. Isto se explica em parte, pela migração interna motivada pela criação de Condomínios Irregulares no entorno da cidade. A Ceilândia é uma região Administrativa do Distrito Federal, está a 26 quilômetros do Plano Piloto, tem como cidades vizinhas: Taguatinga, Samambaia, Brazlândia e entorno do DF Águas Lindas de Goiás e Santo Antônio do Descoberto. Essas informações foram dadas apenas a título de comparação com a escola situada na Ceilândia, como se trata de uma escola com pequena capacidade de alunos ela atende basicamente a moradores locais.

**Gráfico 3- COR DA PELE?**

O gráfico aponta que a maioria dos alunos 9 (nove), declaram-se pardos, 5 (cinco) branco, 6 (seis) morena, 1 (um) negra e 1 (um) verde. Como já disse anteriormente, a cor declarada era verde mesmo, não foi erro de ortografia. O PDAD 2010 nos mostra que dos residentes da população da Ceilândia 56,8% declaram ter cor parda/ mulata, seguidos de 39,2% de cor branca. Em menos proporção, 3,1% estão os de cor preta, 0,7 representam os amarelos e 0,2% de origem indígena. Os números das escolas estão alinhados com os números declarados pelos alunos da escola, a maioria se declarou parda, na sequência, a cor inexistente “morena” que reflete o que esta pesquisa versa sobre naturalização do preconceito. O jovem que se declarou da cor “morena” não consegue identificar a qual grupo racial pertence, o que é absolutamente normal se levarmos em consideração a complexidade da afirmação, dizer que pertence a um grupo racial está por trás de toda uma política ideológica. Se ainda hoje temos discussões na esfera social sobre a existência ou não de um racismo velado, imagina para um aluno em plena fase de construção da identidade, os gráficos revelam esta afirmação.

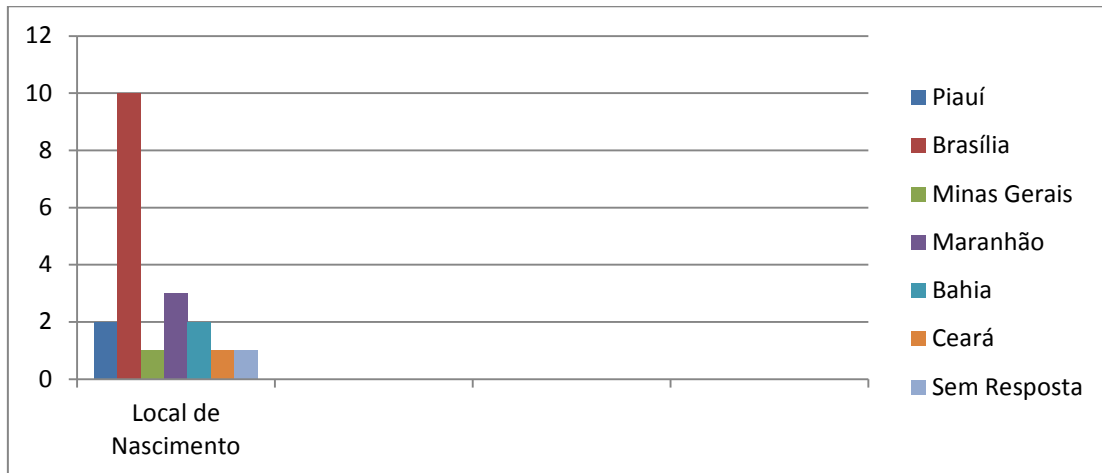
**Gráfico 4- EXISTE RACISMO NO BRASIL?**

Como podemos notar os alunos são unânimes em afirmar que existe racismo no Brasil, os motivos para acreditarem no questionamento podem ser variados, mas o fato é que este é um aspecto que não deve ser ignorado especialmente sobre os efeitos que a discriminação racial pode trazer ao aluno que está construindo sua identidade. Por isso é importante buscar no passado questões sobre como o brasileiro lida com a questão racial. A escravidão africana que foi instituída em solo brasileiro perpetuou a ideia de inferioridade dos negros, os serviços braçais e subalternos são ligados aos negros, já o branco europeu, tinha como papel liderar e conduzir as ações a serem desenvolvidas.

O questionário dos Responsáveis/ Comunidade local foram respondidos por **20 pessoas**. As perguntas foram:

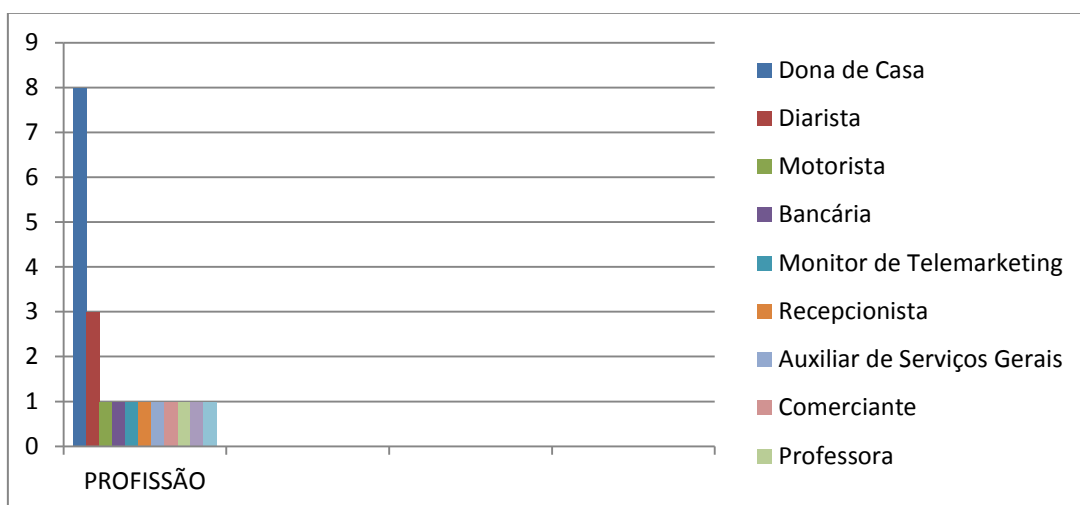
- 1) Onde você nasceu?
- 2) Qual a sua profissão?
- 3) Quantas pessoas moram em sua residência?
- 4) Você acha que existe racismo no Brasil?
- 5) Como a escola da sua comunidade poderia ajudar no combate a discriminação racial?

### GRÁFICO 5- LOCAL DE NASCIMENTO



O PDAD 2010 nos aponta o resultado da pesquisa que 50,1% da população residente na Ceilândia são naturais do DF. Da Região Nordeste vieram 32%, enquanto 0,4 vieram do sul do país. Em relação a procedência por estado, o Piauí é o mais representativo com 7,7%, seguido de Minas Gerais, com 7,1%, Bahia 5,8% e Ceará 5,3%. O gráfico acima corrobora com a estatística nos mostrando que a maioria dos respondentes deste questionário são de Brasília.

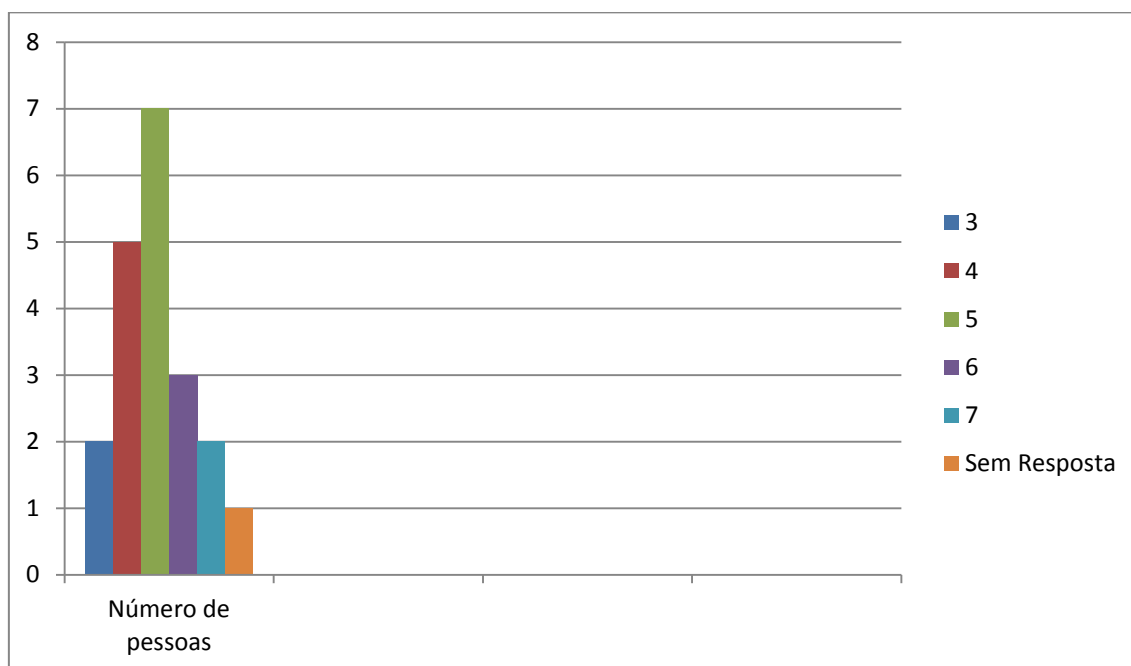
### GRÁFICO 6- PROFISSÃO



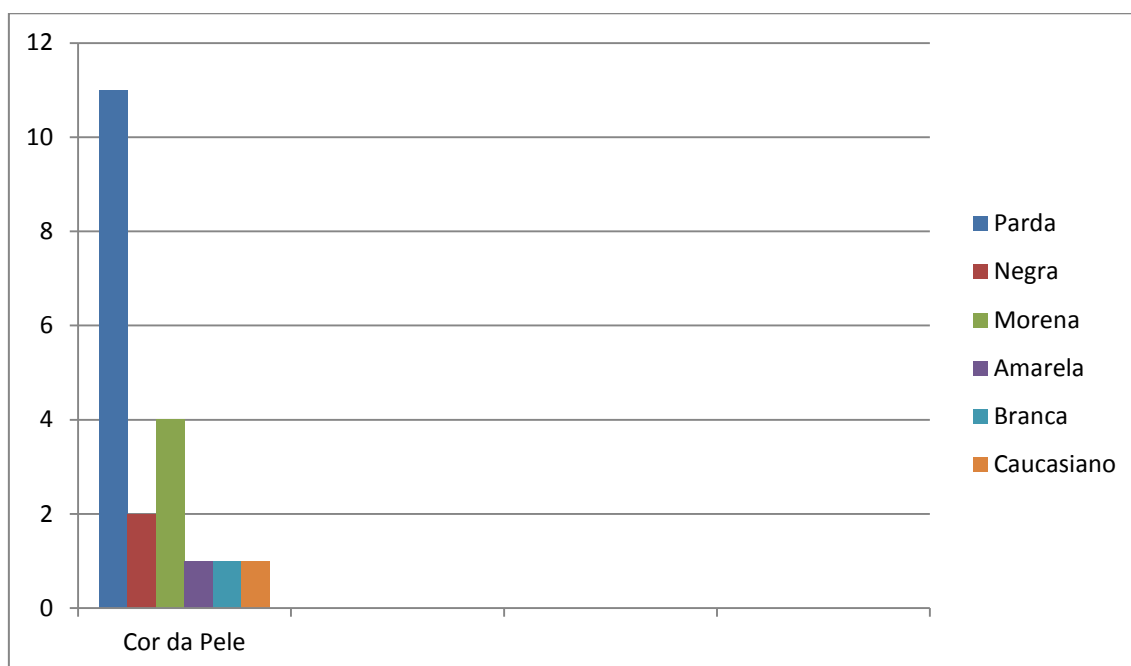
Este gráfico é interessante para podermos relacionar classe social com raça, a maioria da população da Ceilândia é parda segundo censo realizado pelo IBGE, e a renda domiciliar

média da população segundo PNAD 2010 é da ordem de R\$ 2.407, e a renda per capita é de R\$ 604, a mesma pesquisa diz que a Ceilândia possui dinamismo próprio e oferece um terço dos postos de trabalho aos seus moradores. O gráfico 6 nos mostra que a maioria dos responsáveis são donas de casa, seguido por 3 (três) diaristas, 1 (um) motorista, 1 (uma) bancária, 1 (um) monitor de telemarketing, 1 (um) recepcionista, 1 (um) auxiliar de Serviços Gerais, 1 (um) comerciante e 1 (uma) professora. Como podemos notar as profissões são variadas, vale destacar que a Ceilândia é a região administrativa com maior número de comerciários do Distrito federal, tem economia forte que independe do DF para sobreviver.

### GRÁFICO 7- QUANTIDADE DE PESSOAS QUE MORAM NA CASA ONDE RESIDEM



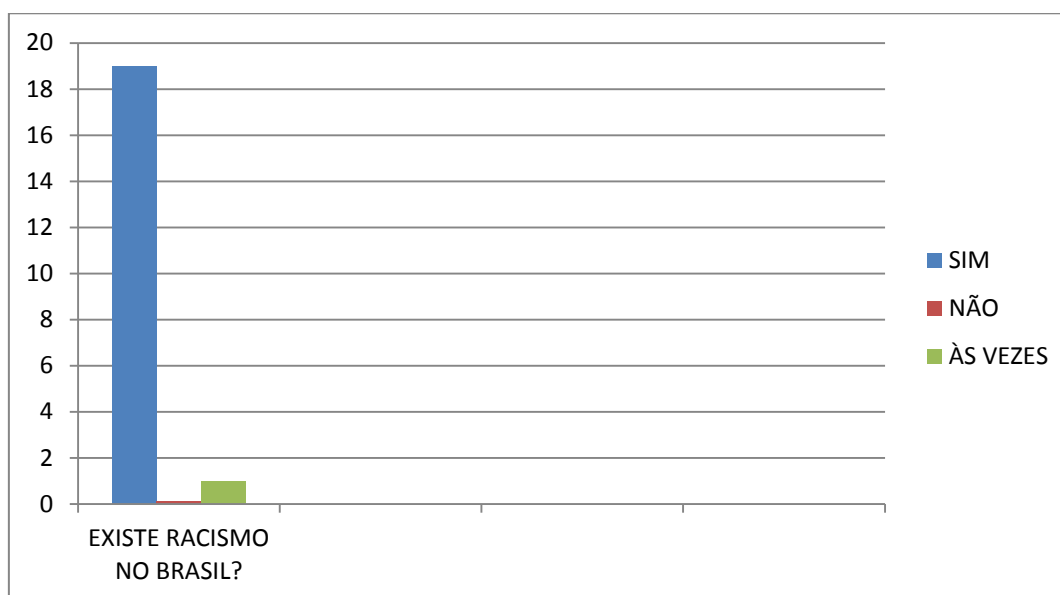
Este gráfico tinha por objetivo verificar se as residências onde os alunos vivem são compostas por muitas pessoas. No caso a maioria 7 (sete) pessoas dividem a casa com 5 (cinco) moradores, seguido de 5 (cinco) pessoas que dividem com 4 (quatro) moradores, 3 (três) pessoas dividem com 6 (seis) moradores e 2 (duas) pessoas dividem a casa com 7 (sete) moradores. A intenção era saber em qual ambiente o aluno mora, normalmente quanto maior o número de pessoas em uma casa, é natural que surjam mais obrigações que o estudante pode se envolver.

**GRÁFICO 8- COR DA PELE**

Este gráfico tem dados similares ao 3 (três) representa também a tendência da declaração dos alunos sobre a sua cor de pele. 11 (onze) pessoas disseram ser da cor parda, 4 (quatro) da cor “morena”, 2 (duas) da cor “negra”, 1 (um) amarelo, 1 (um) da cor branca e 1 (um) se declarou caucasiano. As proporções são parecidas com a do gráfico 3 (três) que por sua vez são similares aos dados fornecidos pelo PNAD 2010. Mas depois das conquistas da causa negra, o PNAD registrou que aumentou o número de pessoas que se autodeclararam negras e diminuiu as que se autodeclararam pardas, só uma curiosidade, no gráfico acima ainda temos um maior número de pardos, mas este é um exemplo apenas, que não significa representar o todo.



### GRÁFICO 9- EXISTE RACISMO NO BRASIL?



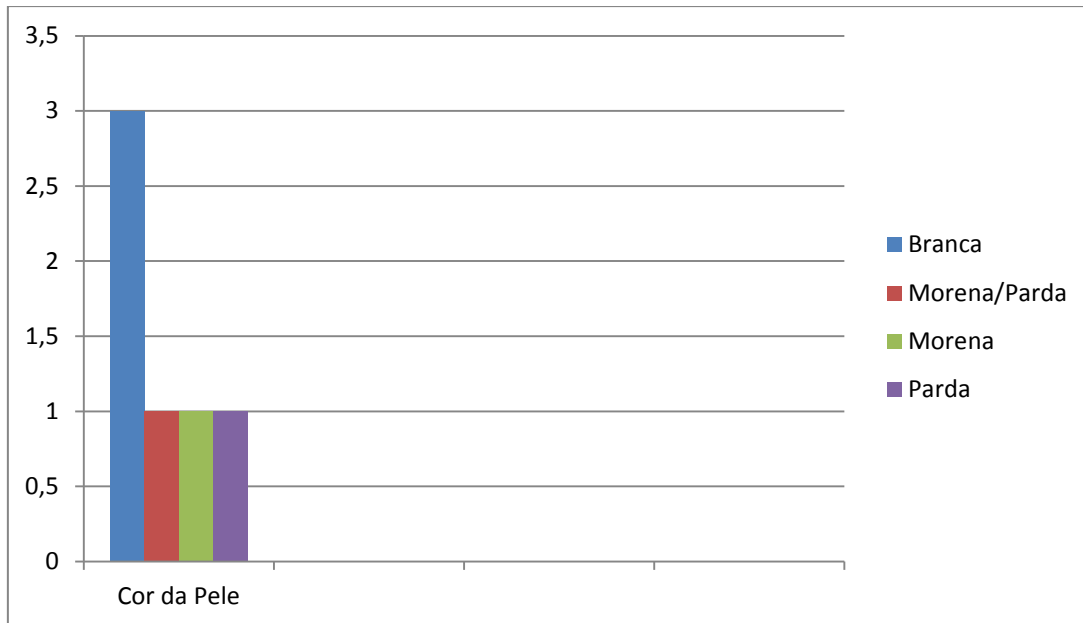
Este gráfico é interessante porque os responsáveis (assim como os alunos), acham que existe sim racismo no Brasil, apenas 1 (um) disse que não existia e 1 (um) disse existir “às vezes”. Na realidade racismo é um conceito complexo, traz consigo marcas para a sociedade brasileira que criou também um sentimento de negação. A cultura de não discutir o tema mascara o problema, esta atitude de ocultação foi incentivada por muitas pessoas com interesses difusos ao princípio da igualdade. Existem os que pensam ser “vitimização” dos negros que relatam sofrer racismo diariamente, a negação da cor nada mais é que uma defesa contra esta agressividade que a sociedade tem com os negros. Por isso muitos se declaram “morenos”, como se estivessem numa escala superior aos negros, é uma maneira de suavizar a realidade das injúrias cotidianas.

Já o questionário aplicado para a Direção Escolar (**6 pessoas responderam**) as questões eram as seguintes:

- 1) Há quanto tempo atua na rede pública de Ensino?
- 2) É morador (a) da Comunidade? Se não, onde mora?
- 3) Qual a sua cor?
- 4) Você acha que o atual currículo das séries iniciais contemplam propostas efetivas para a questão da diversidade e da questão étnicorracial?

- 5) O que pensa da implementação do artigo 26-A da LDB que aponta para a educação das relações etnicorraciais?
- 6) Você acredita que essa lei irá auxiliar no combate a discriminação racial?

**GRÁFICO 10- COR DA PELE**



O gráfico acima representa a Direção Escolar, mais alto “posto” da Instituição Escolar, não é à toa que a maioria 3 (três) são da cor branca, 1 (um) da cor “morena/parda”, a pessoa deseja ser de qualquer cor menos “negra”, veja que ela pôs duas opções “morena/parda”, por que não “parda/preta”? Ou somente “parda” ou “preta”? Racismo oculto, ideologia do branqueamento, todas as terminologias trabalhadas nesta monografia isto num grupo de professores, agentes político da educação da disseminação de ideologia e conhecimento. É apenas mais um reflexo da realidade, que corrobora com o motivo da pesquisa, com a importância de se fazer cumprir a Lei 10.639/03, que não é apenas o cumprimento formal de uma Lei, mas uma esperança de uma abertura de pensamento dando ressignificado a nossa identidade.

### GRÁFICO 11- QUANTOS ANOS LECIONANDO NA REDE PÚBLICA?



Outro dado importante, o tempo de serviço em um local tem influência direta nos “vícios” adquiridos naturalmente ao longo do tempo. Isto não significa que uma pessoa que trabalhe por muitos anos em um local ela estará obsoleta, desatualizada, na realidade vai depender exclusivamente da pessoa em se atualizar/ capacitar ou não. Acima temos o exemplo de 3 (três) pessoas que estão lecionando há mais de 10 (dez) anos na Rede Pública de Ensino, 2 (duas) com mais de 30 (trinta) anos e 1 (uma) com 1 (um) ano lecionando. Coincidência ou não, estas mesmas pessoas não apoiaram o trabalho do professor Thiago que era consoante a Lei 10.639/03.

### GRÁFICO 12- ACREDITA QUE A LEI 10.639/03 PODE AUXILIAR NO COMBATE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL?



Mais curioso ainda é notarmos que as mesmas pessoas eu não apoiaram o projeto do professor Thiago, ao responderem o questionário disse a maioria 4 (quatro) acreditar que a Lei 10.639/03 pode auxiliar no combate a discriminação racial. 1 (uma) disse não acreditar e 1 (um) não soube responder. Até aqui é importante observar a complexidade da questão, não temos uma noção real dos danos que o racismo invisibilizado causa. Apenas o gráfico dos alunos é que demonstram a certeza de 100% deles julgaram que existe de fato racismo no Brasil, esse conceito e mesmo o senso crítico só foi possível pela intervenção bem sucedida do professor Thiago. Nem os responsáveis pelos alunos e nem a Direção Escolar conseguiram entrar no mesmo consenso que os alunos concluíram, o racismo é um pensamento ou atitude que separam pessoas por se considerarem superiores as outras.

Quando cheguei no dia 29/05/12 escola da Asa Norte, encontrei logo que passei pelo portão principal avistei a diretora da escola que já foi se identificando e parece que sabia o que iria fazer lá -que era o estágio supervisionado- ela só me perguntou qual faculdade eu estudava e qual matéria iria acompanhar, disse a ela que era História e ela foi logo me direcionando para a professora de História. Era comum a escola (que é referência) receber alunos para este tipo de atividade, diferente da Ceilândia onde percebi curiosidade e mesmo resistência com o novo e o desconhecido. A escola dispõe de Laboratório de Informática, biblioteca com vasta bibliografia, mesas de refeição espalhadas na área externa da escola, e um pátio com mesa de pingue-pongue para recreação, Isso tudo me foi apresentado pela professora de História que com a minha chegada literalmente parou o que estava fazendo para me mostrar a escola ,me apresentar a turma e foi iniciativa dela me emprestar o PPP logo no primeiro dia ( na Ceilândia tive muita dificuldade e não pude ao menos sair com ele da sala da diretora). Como ela trabalha com todas os anos, escolhi ficar com o 6º ano que se aproximava mais da escola da Ceilândia. A professora disse também que a gestão da escola é compartilhada e me iterou de uma parceria com órgãos públicos, com a Universidade Paulista (Unip) e a UnB fruto de um projeto que visa gerar uma melhor qualidade para os professores, servidores e alunos. No PPP existem diversos projetos mas nenhum contempla a questão racial, nem mesmo o dia da consciência negra comemorado no dia 20 de novembro. A escola trabalha com temas anuais que inspiram datas e feriados comemorativos nas atividades curriculares, o tema desse ano é “valores”, a escola foi decorada lembrando a temática. As turmas são separadas por “ambientação”, onde os alunos dirigem-se à sala do professor, e não o inverso, cada professor recebe um caderno que funciona como um diário que registra os eventos da escola.

**Dia 30/05****07h15**

Ao chegar observei a turma (maioria brancos), os alunos queriam se aproximar de mim e já sabiam o que estava fazendo na sala, muitos me perguntaram se eu iria dar aula de História, disse que sim e vários fizeram sinal de aversão à matéria. A professora está entregando as provas e disse que a turma teria de refazer pois não tinham ido muito bem, as notas estavam baixa. Essa que será refeita com ela e os alunos será anulada e será marcada em nova data uma outra, ela acha que dessa maneira os alunos assimilam melhor a matéria. Mas a aula se tornou estagnada, os alunos não estavam interessados em refazer, pois tinham que consultar o livro e ficou muito no estilo “decoreba” e assim foi até o término da aula de 45 minutos, que pareciam ser 2 horas de tão cansativo.

**Dia 31/05**

A professora começou a aula com uma “oração” e deu o informe do projeto “vendinha”, onde cada turma faz um lanche para ser vendido na escola. Cada semana é sob a responsabilidade de uma turma, e com o dinheiro arrecadado a escola compra itens utilizados para a melhoria da escola. Como era outra turma de 6º ano a professora também recorrigiu a prova até o final da aula, o desânimo era o mesmo. A matéria era sobre o Reino Congo e dos portugueses.

**Dia 04/06**

A maioria da turma esqueceu o livro. A professora informa sobre um passeio ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) para assistirem a exposição “Índia”, não poderão ir todas as turmas, apenas 1 ônibus disponível. A professora briga com a turma por não levarem o livro e escreve no caderno de cada um que não levou uma anotação para ser assinada pelos pais para terem ciência que o filho não estava levando material didático, ela me disse ser comum o esquecimento dos alunos. E nessa aula ela passou 90% do tempo fazendo anotação no caderno e regulando a bagunça da turma, os outros 10% ela abre na página de exercício sobre o reino “Congo” lê algumas questões para eles copiarem e tentar responder, uma aluno

pede pra ela explicar como foi formado o reino Congo, ela se aproxima até ele e o responde em particular. Achei estranha a didática sem nenhuma dinâmica e a tremenda falta de vontade dos alunos em aprender alguma coisa, diferente da Ceilândia, aonde mesmo com as eventuais desordens dos alunos, havia um interesse muito maior dos alunos e vontade de mudança do professor me senti numa escola do séc. XVIII.

### **Dia 05/06**

A professora inicia a aula com uma linha do tempo demarcado por períodos históricos, e explica o conceito “escambo”, pergunta pra turma o que é desigualdade? Um aluno responde: “é um lugar onde tem um monte de gente rica e um monte de gente pobre “, a professora continua: “no Brasil tem?”, O aluno: “Sim”, mas não sabe explicar o motivo. Ela diz que muitas pessoas usam o poder político para manter a desigualdade. Logo depois da breve explicação ela lembra que haverá a feira do escambo, outro projeto da escola que visa apenas a explicitação do conceito, que segundo ela mesma foi a partir daí que surge a mensuração de valores dos objetos. Uma aluna conclui: “a vida é uma troca”. Voltou para desigualdade social, disse que “no Brasil existia a possibilidade de mudarmos de classe social com estudo e atitudes corretas, uma pessoa que é pobre pode se tornar rica, milionária” nas palavras dela. Deu exemplo de um morador de rua que passou no concurso do Banco do Brasil para inspirá-los nessa mudança. Apesar da aula ter sido mais dinâmica a professora divaga muito e poderia preencher melhor o tempo com outras atividades para não deixar os alunos tão ociosos e não precisaria de ficar a todo minuto pedindo atenção para explicar algo.

### **Dia 06/06**

Mesma aula de ontem mas par outra turma, que mais uma vez passaram-se 45 minutos somente com o conceito de escambo e falando sobre a feira do escambo.

### **Dia 07/06**

Hoje a professora me pedia para ajudar na “vendinha”. A vendinha é motivada pela pontuação que a turma ganha ao para a gincana que dura até o dia da festa junina. Quanto mais se vende mais pontos arrecada-se, os conselheiros de cada turma organizam na sua vez, e

na vez dela foi vendido tudo. Tinha “Cup Cake” a R\$ 1,50, Pipoca de micro-ondas por R\$ 2,00, brigadeiro por R\$ 0,50, beijinho por R\$ 1,00 e refrigerante por R\$ 1,00.

### **Dia 08/06**

Dia do passeio ao CCBB, apenas uma turma foi. Acompanhei-os ao trajeto e percebi que gostaram bastante da exposição “Índia”, os monitores do local deram explicações bem didáticas aos alunos, que voltaram comentando do que tinham visto. Esse foi o último dia antes do recesso escolar, que mesmo tendo um período de greve manteve-se no calendário. O que pude comparar nas duas escolas foram realidades totalmente distintas. Na escola da Ceilândia os alunos estavam completamente envolvidos com a questão racial, já na Asa Norte, apesar de ser escola referência não percebi nenhum movimento sobre a aplicação da Lei. A direção se mantém ocupada com arrecadação de fundos para a melhoria da escola e estavam bastante engajados na festa junina, e a professora segue o estilo tradicional, diferente do professor da Ceilândia que busca inovar em sala de aula. Mesmo sendo alunos mais novos (4º ano), os alunos sabiam muito mais da questão racial que os alunos do 7º ano da Asa Norte, a professora parece desanimada e é desiludida na profissão, ela aplica a mesma prova há 5 anos acha desnecessário mudar, e mesmo sendo negra demonstrou desinteresse na questão e nem sinais da aplicação da Lei.

### **CAPÍTULO 3: REFLEXÕES FINAIS**

É interessante analisarmos os gráficos sob a perspectiva das aulas observadas, e mesmo em sala de aula onde a aplicação da Lei é feita com seriedade percebemos que ainda se tem (em menor grau neste caso) introjetado que a cor negra é de menor valia. Constata-se este isso pelo fato de que pelo menos 90% dos alunos era de cor parda/negra, e apenas 1 se declarou negro, enquanto 5 se declararam branco sem o serem, e teve até uma aluno que se declarou “verde”, não foi um erro de ortografia ou incompreensão da pergunta, na realidade explicita a confusão interna dos estudantes ao serem questionados sobre sua cor. Este dado nos aproxima do que esta pesquisa quer mostrar. Precisamos com urgência resgatar a identidade dos negros e por consequência a identidade dos brasileiros sem acreditarmos que por sermos negros somos de alguma maneira inferior, por outro lado foram unânimes em responder afirmativamente que existe racismo no Brasil, sabem que existem mas não sabem discernir uma situação que envolva racismo, não só os alunos, mas a maioria esmagadora da

população. As outras duas perguntas (4 e 5) que são de resposta subjetivas também evidenciam a confusão que os alunos fazem ao serem perguntados como a escola poderia ajudar no combate a discriminação e escrever uma palavra que defina racismo. As respostas são da mais variadas, sem um norte específico, na realidade serviu como desabafo de apelidos individuais que foram atribuídos ao respondente e que ele não gosta, os apelidos são em sua maioria preconceituosos, e disso eles tem noção.

As respostas apenas corroboram com a atual noção de racismo que temos no país, sabem que existem mas não sabem em qual situação acontece, quando questionados como a escola poderia auxiliar no combate a discriminação racial não sabem responder, fica algo evasivo e sem direcionamento. Entendem que existem até mesmo pelo trabalho feito pelo professor em sala de aula, são em sua maioria de empregos com baixa remuneração, moram com pelo menos 3 pessoas em suas residências.

Quanto as respostas da Direção Escolar apontam um pequeno diagnóstico do que diferentes “nichos” de pessoas pensam sobre as questões etnicorraciais, sobretudo o corpo docente das escolas que transmite a impressão de não crer mais em mudanças positivas. A autora Nilma Lino Gomes (2006) destaca a desigualdade como parte das diferenças socialmente construídas e que incidem de forma mais efetiva sobre os grupos etnicorraciais menos favorecidos, os negros. As diferenças são naturalizadas e transformadas em desigualdades raciais e sociais. Para Nascimento (2005) um novo olhar sobre o ensino de História, com foco no processo que levou a abolição da escravatura, onde esta revela a participação dos negros como indivíduos construtores de suas próprias histórias (refutando a ideia de anomia-perda da identidade- dos negros) e que, independente da escravidão, entende a perpetuação do racismo como fator determinante para a pouca mobilidade social de homens e mulheres negras no Brasil até os dias atuais. Como se posiciona Garcia (2007), reconhecer a história da educação do negro significa adentrar nos espaços de construção da cidadania e consequentemente “desnaturalizar” a invisibilidade social fazendo emergir as diferenças na forma de tratamento racial e social. E esse papel terá de ser mediado pelos educadores, que tem em suas mãos a missão de desconstruir os arquétipos impostos pela sociedade. Como pudemos observar, das **6 pessoas** que responderam ligadas à Direção Escolar, 4 acreditam que a Lei 10.639/03 auxilia no combate a discriminação racial. O interessante é que nesta mesma escola, a Direção não apoiava os Projetos do professor Thiago, que travou uma batalha sem aliados da casa, tinha a peça principal que eram os alunos, mas poderia ter dado errado se parasse no primeiro obstáculo que encontrasse pela frente. Uma pessoa deu um depoimento muito interessante que vale ressaltá-lo, quando questionada se o atual currículo das séries



iniciais contemplava propostas efetivas para a questão étnicorracial ela diz: *“Acredito que sim, principalmente com o apoio da implementação da lei. O problema é que os professores não estão qualificados para desenvolverem esse currículo.”* sem dúvida a capacitação dos professores para se adequarem e prestarem um melhor serviço a sociedade é indiscutível, mas também esperar que as mudanças aconteçam sem se mover não existe, como já disse as 6 pessoas que responderam ao questionário são da Direção Escolar e não apoiaram o professor com seu projeto.

Comparando-se as duas turmas é inevitável perceber que o professor da Ceilândia esteve muito mais preocupado em mudar seu espaço e sua realidade, já a professora da Asa Norte, mesmo sendo negra, não se sentiu motivada em trabalhar com afimco o tema, limitou-se aos livros e constantemente me perguntava o que eu estava fazendo ali, parecia sentir-se ameaçada com minha presença, mesmo me tratando muito bem. O professor da Ceilândia não tinha apoio da escola, mas tinha da comunidade local e dos responsáveis, o que ele conseguiu fazer com seus alunos é louvável. Ensinou com maestria sobre as matrizes africanas, todos seus alunos estavam envolvidos com a questão racial e principalmente sentiam-se pertencentes de um grupo, naturalmente existem dúvidas quanto a identidade por se tratar de crianças e pré-adolescentes, nesta fase é comum confusões quanto ao seu lugar no mundo, e de onde surgiram sua linha identitária. Mas o fato que quero chamar atenção é que “surgiu essa dúvida”, não foi algo imposto incondicionalmente pela escola na figura de seu professor, eles sabem agora quem são, ou se ainda não sabem com certeza buscarão respostas mais completas sobre sua existência, mesmo sofrendo retaliações da escola o professor travou uma batalha praticamente sozinho, mas ele acreditou e conseguiu resinificar a identidade do negro para seus alunos, e isto é formidável, uma exemplo a ser seguido e que dá certo. Vejamos a escola da Asa Norte, que nada fez ou simplesmente continuou com seu trabalho, desde a criação da Lei 10.639 no ano de 2003 o currículo e o Planejamento Político Pedagógico não incluíram em seus roteiros a temática racial, permaneceu com suas metas e modelos educacionais. Não significa com isso, que um professor seja melhor que outro, a questão aqui analisada é muito maior que considerações maniqueístas de certo ou errado, trata-se de uma preocupação acerca do tema, pois suspeita-se que a maioria esmagadora dos professores seguem essa linha. O racismo encontra-se tão naturalizado que é difícil perceber quando uma situação é ou não considerada preconceituosa, a Lei estudada aqui é apenas um caminho para atingir-se a almejada igualdade. Mostrou-se um exemplo de sucesso, que corrobora com a ideia de que podemos mudar o nosso mundo, o nosso espaço, e assim melhorarmos aos poucos mesmo que em “doses homeopáticas”, acreditar é o verbo que mais amplia os

horizontes da educação e o que mais dá esperança para continuarmos com trabalhos tão significativos como o aqui citado, e que é uma realidade e não utopia. Por isso, conclui-se que a formação dos formadores é um dos principais protagonistas no avanço nas políticas educacionais antirracistas e que causam verdadeiras transformações sociais.

## REFERÊNCIAS:

\_\_\_\_\_. Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008. *Que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e indígena”*. República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 10 jul. de 2011.

ANDRÉ, Maria da Consolação. *A construção de subjetividades em afro-brasileiros*. Estações, Brasília, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. [Brasília]: [s.l.], 2003. 151p.

BRASIL, Lei nº10639 de 9 de janeiro de 2003. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. MEC/SECAD. 2005.

CRUZ, Natalia dos Reis. *Negando a História*. A Editora Revisão e o Neonazismo. Niterói: Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História- PPGH da Universidade Federal Fluminense, 1997.

CRUZ, Natalia dos Reis. *O Integralismo e a Questão Racial*. A Intolerância como princípio. Niterói: Tese (Pós-Graduação em História Política). Programa de Pós-Graduação em História- PPGH da Universidade Federal Fluminense, 2004.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp- 2001.

GARCIA C. R.. *Identidade Fragmentada*. Brasília: INEP, 2007.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, L. N.. *Educação como prática da diferença*. Organização: Anete Abramowicz, Lucia Maria de Assunção Barbosa, Valter Roberto Silvério. São Paulo: armazém Ipê, 2006.

GOMES, L. N.. *O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. Revista Política & Sociedade. Vol. 10- Nº18.* Abril, 2011.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos).* Tempo Social; Rev. Sociol.USP, S. Paulo, 13(2): 121-142, novembro de 2001.

MEC – Cadernos Temáticos – *Educando para as relações étnicas – raciais.* Diretrizes Curriculares do Ensino de História. Curso: Educação, Africanidades : Brasil – MEC – 2006.

NASCIMENTO A. P. do *A República e a Questão do Negro no Brasil.* Organização: Maria Aparecida e Andrade Salgueiro. Rio de Janeiro: Museu da república, 2005.

Blog Curso de Gestão em Políticas Públicas. Disponível em <http://gppusp.blogspot.com/> Acesso em 18 de jun. 13.

## **APÊNDICE I –**

### **QUESTIONÁRIO 1 (DIREÇÃO ESCOLAR)**

**I – Há quanto tempo você atua na rede pública de ensino?**

**II – É morador (a) da comunidade? Se não, onde mora?**

**III – Qual a sua cor?**

**IV – Você acha que o atual currículo das séries iniciais contemplam propostas efetivas para a questão da diversidade e da questão etnicorracial?**

**V- O que pensa da implementação do artigo 26-A da LDB que aponta para a educação das relações etnicorraciais?**

**VI- Você acredita que essa lei irá auxiliar no combate a discriminação racial?**

### **QUESTIONÁRIO 2 (ALUNOS)**

**I- Qual a sua idade?**

**II- Você mora na Ceilândia?**

**III- Qual a sua cor?**

**IV- Você acha que existe racismo no Brasil?**

**V- Como a sua escola poderia ajudar no combate a discriminação racial?**

**VI- Escreva uma palavra que defina racismo pra você.**

**QUESTIONÁRIO 3 (RESPONSÁVEIS/ COMUNIDADE LOCAL)**

- I- Onde você nasceu?**
- II- Qual a sua profissão?**
- III- Quantas pessoas moram em sua residência?**
- IV- Qual a sua cor?**
- V- Você acha que existe racismo no Brasil?**
- VI- Como a escola da sua comunidade poderia ajudar no combate a discriminação racial?**

## PARTE III

### PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ser aluna da Universidade de Brasília me abriu várias perspectivas profissionais. Com a peculiaridade de nosso curso ter o currículo que inclui projetos de pesquisa que são atrelados com a prática nos traz uma rica experiência em diferentes áreas de conhecimento. Você tem o privilégio de escolher a área de interesse e realizar o projeto, este diferencial nos atualiza dentro da realidade de escolha profissional. Na minha trajetória eu entrei na UnB trabalhando com Telemarketing, depois de sair de lá fui ser Professora auxiliar por um ano da Educação Infantil, simultaneamente participava do projeto de Educação Ambiental onde íamos toda semana a Estrutural e as vezes no Lixão, aprendi sobre gestão administrativa e escolar também. Quando saí do projeto participei de um processo seletivo na Enfam (Escola Nacional de Formação de Magistrados), vinculada ao STJ (Superior Tribunal de Justiça), onde estou até hoje, mas agora na condição de terceirizado que atua na área da educação. Trabalho em parceria com uma Pedagoga chamada Marizete, também formada pela UnB que me ajudou e ajuda muito, nela está realmente a naturalidade de sermos professores também em nossas vidas, que ensinamos e aprendemos somando nossas experiências. No nosso setor denominado Coordenadoria de Pesquisa e Ensino somos responsáveis por realizar cursos voltados para magistrados ou do universo do Judiciário, fazemos um trabalho similar ao MEC (Ministério da Educação) só que voltada para magistrados. Gosto muito do trabalho, é bem interessante, estes cursos tem uma carga ideológica que influencia indiretamente para os serviços prestados a nós cidadãos comuns, assim como na escola, é a mesma ideia. Apesar de estar lá não penso em ficar por mais muito tempo, quero prestar um concurso público para garantir estabilidade financeira, ser terceirizado é uma condição instável, você pode a qualquer momento não fazer mais parte do quadro, infelizmente quem tem de conseguir por si só um meio de ter recurso financeiro tem que recorrer a realidade de batalhar por uma vaga no funcionalismo público. Tenho preferência em um local parecido com meu serviço atual, mas não descarto a hipótese de ser professora também, mas da Rede Pública de Ensino. Penso também em uma pós-graduação na mesma área da monografia, mas não decidi ainda sobre mestrado ou doutorado, daqui pra frente os caminhos falarão... No mais é isso, o foco é estudar e trabalhar como agora, mas em outros níveis. Pra quem ama a educação é quase que impossível se imaginar sem dar continuidade a pesquisa, por isso não penso em parar, mas almejo também estabilidade financeira.